

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Gilberto Dilela Filho

O MUNDO CONTEMPORANEO NAS FALAS DE PROFESSORES E ALUNOS

**Sorocaba/SP
2009**

Gilberto Dilela Filho

O MUNDO CONTEMPORANEO NAS FALAS DE PROFESSORES E ALUNOS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Eliete Jussara Nogueira

**Sorocaba/SP
2009**

Ficha Catalográfica

Dilela Filho, Gilberto
D571m O mundo contemporâneo nas falas de professores e alunos /
Gilberto Dilela Filho. -- Sorocaba, SP, 2009.
60 f.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliete Jussara Nogueira
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de
Sorocaba, Sorocaba, SP, 2009.

Inclui anexos.

1. Ensino superior – Aspectos sociais. 2. Curso de Administração
– Estudo e ensino (Superior). 3. Administração de empresas –
Formação profissional. 4. Civilização moderna. I. Nogueira, Eliete
Jussara, orient. II. Universidade de Sorocaba. III. Título.

Gilberto Dilela Filho

O MUNDO CONTEMPORANEO NAS FALAS DE PROFESSORES E ALUNOS

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em: 14/12/2009

BANCA EXAMINADORA:

Prof.(a) Dr^a. Eliete Jussara Nogueira
Universidade de Sorocaba

Prof.(a) Dr^a. Maria Lúcia de Amorim Soares
Universidade de Sorocaba

Prof.(a) Dr. Orlando Roque da Silva
Unimep – Universidade Metodista de Piracicaba

Dedico este trabalho às pessoas que buscam aprimorar-se constantemente, e àqueles que dedicam-se possibilitar que outros também se aprimorem.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao Ser Eterno, Deus, Arquiteto do Universo ou outra denominação criada pelo ser humano, por me disponibilizar saúde diante de tantas adversidades da vida, por direcionar meus pensamentos para a aprendizagem com os vários mundos existentes chamados, pessoas.

Agradeço à Prof^a Eliete Jussara por toda a paciência e dedicação tanto nas orientações quanto nas aulas, pela lucidez de pensamento e pela oportunidade de visualizar novos olhares ao mundo. À Prof^a Maria Lúcia, pelo conhecimento cedido, pela jovialidade e força mantida por todos os anos de sua vida, pela percepção de mundos diferentes, que transmitidos em aula, nos corredores e nas conversas, me fizeram mais eu.

À Universidade de Sorocaba não somente por possibilitar o curso como também pela composição do corpo docente do curso. À todos os professores que nas aulas nos tiraram dúvidas e criaram dúvidas, mostrando caminhos, os mais variados, numa clara percepção de que na complexidade das visões e linhas de pensamentos encontra-se a riqueza do conhecimento.

No entanto, ficar à espera de um marido e de um papai que durante meses “ausentou-se” em reflexões, pensamentos e escritas, demonstra a capacidade de amor e paciência. Obrigado à minha família por tudo. Este trabalho consagra momentos de passeios solitários de minha esposa e filhinha. São fontes de revitalização o olhar, o abraço e a simplicidade de uma criança. Também está sendo uma nova fonte tocar numa barriga e saber que lá existe mais uma filha que desejo, me dará grandes momentos de felicidade.

Agradeço finalmente a todos os colegas de mestrado pela companhia, discussões em sala e por poder me apropriar de seus pensamentos e visões de mundo. Aos alunos que me fazem professor, pela aprendizagem que tenho com eles e pelo olhar vívido, cheio de esperança de um uma vida melhor.

Ao amigo, irmão e professor Orlando Roque, pela paciência, pela transmissão de idoneidade, por ser justo e buscar a perfeição em sua caminhada.

Enfim, a todos aqueles que nestas poucas linhas eu não tenha definido nomes, mas que participaram de maneira direta ou indireta na construção da minha vida.

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava
com Deus, e o Verbo era Deus”.
João 1:1

RESUMO

As relações de trabalho apresentam em seus discursos, a hegemonia do sistema capitalista, por meio de modelos que priorizam o individualismo e a competição. Tais discursos podem reforçar o poder hegemônico quando ocorre e especialmente no ambiente do ensino superior, na formação de profissionais da área de ciências sociais aplicadas, que se pretende a crítica. Com objetivo de compreender os discursos do mundo contemporâneo, essa dissertação utilizou entre outros referenciais teóricos ligados à sociologia, Bauman e a descrição da modernidade líquida e Deleuze para entender a sociedade do controle. Teve como objetivo específico identificar no ambiente do ensino superior, em cursos de Administração e de Gestão Tecnológica, as falas cotidianas de alunos e professores. Como procedimento de pesquisa, utilizou-se o diário de campo. Os resultados apontam a incerteza e o medo, individualismo, imediatismo, característicos do mundo contemporâneo. Percebe-se nas falas, uma estreita relação com o comportamento exigido para o trabalhador e para o aluno, com manifestações consumistas contemporâneas e imediatistas de resultados por metas.

Palavras-chave: Cotidiano escolar. Mundo líquido. Educação.

ABSTRACT

Labor relations have in their speeches, the hegemony of the capitalist system, through models that prioritize individualism and competition. Such discourses can reinforce the hegemonic power, especially when it occurs in the environment of higher education, the training of professionals in applied social sciences, intended to be criticism. In order to understand the discourse of the contemporary world, this dissertation used among other theoretical frameworks related to sociology, Bauman and the description of liquid modernity and Deleuze to understand the society of control. Had the objective of identify higher education environment, courses in Business and Technology Management, the everyday speech of students and teachers. As a research procedure, we used the field diary. The results show the uncertainty and fear, individualism, immediacy characteristic of the contemporary world. It is noticed in the speech, a close relationship with that required for the worker and the student with contemporary consumerist and immediacy of results by demonstrations behavior goals.

Keywords: School daily. Liquid world. Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	UM MUNDO EM MOVIMENTO	13
3	EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE EMANCIPAÇÃO	21
3.1	Discurso líquido contemporâneo	23
3.2	Contribuição educacional líquida para a emancipação.....	30
4	A MODERNIDADE LÍQUIDA NAS FALAS DE PROFESSORES E ALUNOS.....	33
4.1	Objetivos	33
4.2	Procedimento de pesquisa	34
4.3	Resultados e análises	35
4.3.1	Categoria Individualismo.....	36
4.3.2	Categoria Imediatismo, Rapidez das mudanças.	38
4.3.3	Categoria Medo e Incertezas	39
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
	ANEXO A – TUDO PELO SOCIAL	49
	ANEXO B – CRESCIMENTO ESPIRITUAL PELO CAMINHO DA EMPRESA	50
	ANEXO C – XÔ, TRISTEZA.....	51
	ANEXO D – DESTAQUE-SE NO TRABALHO.....	52
	ANEXO E – SIMPLES MORTAIS: DEIXEM DE SER SIMPLES.....	53
	ANEXO F – CARREIRA, AGORA É COM VOCÊ!	54
	ANEXO G – SEJA O TALENTO QUE O MERCADO PROCURA	55
	ANEXO H – IMPULSIONADO PELA EMPRESA A PARTICIPAR DE UM PROGRAMA PARA REDUÇÃO DE PESO	56
	ANEXO I – PARA OS MELHORES, TUDO!.....	57
	ANEXO J – DAQUI A ALGUNS ANOS, O MUNDO VAI SER DIVIDIDO ENTRE OS BEM-SUCEDIDOS E OS QUE NÃO LERAM.....	58
	ANEXO K – DIMINUIR A TORMENTA DO COTIDIANO PARA NÃO SER TRAGADA PELO TRABALHO	59

1 INTRODUÇÃO

A observação e a reflexão foram e são os meios fundantes do meu processo formativo até hoje. Falar pouco e observar mais.

À medida que a relação com o trabalho, com a “venda de mão-de-obra” começa a ser desvelada, outros matizes são observados neste mundo tão colorido do mercado de trabalho. No entanto, num determinado momento da vida profissional, a tonalidade do mesmo torna-se cinza, quase escuro. Percebe-se que falas neste ambiente também podem contribuir para “melhorar” o cotidiano das pessoas em local de trabalho. A partir desta observação, as falas e as observações passam a institucionalizar minha conduta profissional e pessoal. Chegado tardiamente o momento da entrada no ensino superior em Administração, graduando-me com extrema dificuldade financeira, exercitada a fala e a observação, percebo que as atitudes nem sempre condizem com as falas, por conseqüência, nem sempre com o pensamento daquele que fala.

Segui meu caminho educacional concluindo um lato sensu em Administração em Marketing, assim como outros cursos de menor duração, os quais contribuíram imensamente para uma melhor recolocação profissional. Passados mais de vinte anos de trabalho em empresas de forma estruturada, alterei para a carreira em consultoria e treinamentos. No ensino superior, ingressei como docente em cursos de gestão, acreditando nos conhecimentos técnicos, nas exigências mercadológicas como suficientes para a formação de futuros profissionais. Não demorou muito para entender que formação de pessoas é mais complexa que treinamento, fator que me fez desviar a atenção para estudos na área de educação.

A princípio, um mundo totalmente diverso, totalmente absurdo onde a reflexão se fazia em instâncias diferenciadas daquelas as quais até então tinha como verdadeiras.

Meu cotidiano escolar já não é mais o mesmo, nem o modo de pesquisar, distante de números e gráficos, esse estudo foi um desafio e uma ruptura de um modo positivista de pensar. Este trabalho justifica-se como uma demonstração de que não há neutralidade científica no campo da educação. A intenção de pesquisa estava pautada em produzir um trabalho científico qualitativo, utilizando outros métodos de pesquisa que me complementassem o saber. Neste sentido, surgiu a problematização: Alunos e professores mantêm o discurso hegemônico do trabalho capitalista dentro de uma análise de pensadores pós-modernistas? Esta inquietação de pesquisa foi desencadeada a partir do contato com os vários pensamentos e fontes estudadas durante o curso de mestrado, as quais abordavam o mundo contemporâneo.

A contemporaneidade encerra em si própria um cenário de grandes movimentos, grandes revoluções e mudanças que definem os modos de vida da sociedade global, inserida num mundo marcado pela hegemonia capitalista, através de um formato mercadológico que determina mercados, produtos, signos, desejos e consumo.

Este momento contemporâneo é descrito por alguns pensadores que utilizam termos diferenciados de abordagem, como modernidade líquida (BAUMAN, 2001), hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2005) e pós-modernidade cujo termo foi inicialmente utilizado na década de 1930 e até o momento gera contradição quando debatido por intelectuais.

A humanidade ainda vive na contemporaneidade os mesmos sentimentos das transformações surgidas na história humana. Lampert comenta que,

(...) da antigüidade à contemporaneidade, medos, incertezas, crises, epidemias, misérias, atrocidades, guerras, catástrofes, conflitos étnicos, ideológicos e religiosos, bem como progressos em todos os campos acompanham o homem, que entrou vazio e inseguro no terceiro milênio, apesar de todos os avanços científicos e tecnológicos. (LAMPERT, 2005, p.11)

Estas transformações citadas por Lampert continuam afetando profundamente a vida das pessoas em nosso mundo contemporâneo no modo de agir, de pensar e refletir sobre aspectos determinantes de suas vidas como o trabalho, o estudo, a carreira profissional, bem como suas relações com a sociedade de seu cotidiano.

Nas pesquisas do mesmo autor sobre o termo pós-modernidade, caracteriza sua ambigüidade de significados na história, sendo por isso, um termo polêmico. Para Lampert (2005, p.13) “conceituar a pós-modernidade não é algo fácil, pois não se sabe com exatidão se esse fenômeno, relativamente recente, representa um novo período na civilização [...]”.

Calloni traça uma série de características peculiares do mundo pós-moderno que afetam profundamente o cotidiano das pessoas, que incluem,

(...) perda da continuidade histórica (ênfase na presencialidade efêmera); perda de projetos futuros (utopias); descontinuidade; perda de profundidade (fixação nas aparências, nas superfícies, nos impactos imediatos que, com o tempo, não têm poder de sustentação); fragmentação; colapso de horizontes temporais; preocupação com a instantaneidade (em parte devido às tecnologias); rejeição da idéia de progresso; reprodução e não produção. (CALLONI, 2005, p.61)

Vale lembrar que Lipovetsky (2005) condensa no termo hipermoderno os principais aspectos da cultura do excesso e, ao mesmo tempo, do vazio, onde o tempo torna-se efêmero, produzindo-se assim, novas angústias.

Para Bauman (2001) o momento presente, pode ser representado como um mundo líquido, o qual encerra características da fluidez, sem forma, ampliada pela globalização, que cria relações transformadoras pela utilização acirrada da Internet e novos meios de comunicação, auferindo poder àqueles que detem agilidade, flexibilidade e mobilidade das informações, caracterizando a sociedade como vivendo uma modernidade líquida.

Apesar das diferenças nas correntes de pensamento e na utilização de termos específicos pelos teóricos, ambos consideram que os efeitos do momento contemporâneo são congruentes entre eles, no que diz respeito às características específicas que este momento gera, como: medos, individualismo, consumismo, instantaneidade e incertezas.

Pode-se inferir que a maioria das sociedades são afetadas por este momento de mudanças mundiais, para o qual podemos nos utilizar do termo Modernidade Líquida (BAUMAN, 2001). Certas especificidades como a insegurança e o individualismo, nos remete pensá-los principalmente à análise das influências da formatação capitalista sobre as sociedades. A influência dos modelos empresariais, afeta a sociedade contemporânea diretamente pelos meios de comunicação de massa, criando contextos de crenças e difundindo-os até mesmo no ambiente acadêmico.

Com a constante acumulação de riquezas, a sociedade do consumo deve ser alimentada por sonhos e desejos. Signos, que identificam o indivíduo consumista e encerram no mesmo a identidade com o outro, com os produtos e com outras classes sociais, são desenvolvidos como forma de manter um consumo cativo. A voracidade com que o volume das informações são lançadas para o indivíduo pelos vários mecanismos de massa, atinge o ápice do controle sobre seus gostos e desejos. O vazio dos sentidos, característico de uma modernidade líquida será preenchido de qualquer maneira, uma vez que nela, o projeto e a obra de arte, agora dependem do indivíduo. Em função da pluralidade e fluidez dos acontecimentos e das necessidades do mercado, muitos se perdem no caminho, encontrando sofrimento, desilusão e exclusão, e grande parte da humanidade sequer absorve um caminho.

No entanto, regras do mundo capitalista camuflam um sistema em que a alienação é condição essencial à sua sustentação, inferindo no cotidiano das pessoas uma série de crenças do mundo empresarial, as quais causam incertezas, medos e angústias.

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender algumas características do mundo contemporâneo nas suas relações com o trabalho. Para tanto, realizou leituras teóricas do

sociólogo polonês, Zygmunt Bauman, que tem importantes publicações sobre aspectos pertinentes à pesquisa.

O objetivo específico buscou identificar crenças empresariais calcadas na hegemonia capitalista que “definem” o perfil do “bom trabalhador/empregado”, em falas de professores e alunos de cursos da área administrativa, empresarial. Dessa forma, identificou categorias que revelam a maneira de pensar do mundo das empresas.

Essa dissertação foi organizada em capítulos sendo que o primeiro aborda as mudanças e reflexos da modernidade líquida na vida das pessoas. O segundo argumenta sobre as relações de trabalho e a formação escolar como emancipatória. O terceiro e último capítulo descreve uma pesquisa qualitativa, apresentando algumas falas do cotidiano escolar no ensino superior e sua estreita relação com indícios desta modernidade líquida, construindo quatro categorias como fatores da contemporaneidade.

A pesquisa qualitativa tornou-se um desafio em função da formação quantitativa do pesquisador, no entanto, a possibilidade de utilizar o método de observação e diário de campo, gerou a abertura para novos olhares sobre as relações cotidianas das pessoas, que são movidas por emoções.

“Definimos observação participante como um processo pelo qual um pesquisador se coloca como observador da situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa, na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e de compreender o contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é modificado pessoalmente.” (MINAYO, 2007, p. 70)

Como considerações finais, identificamos que o medo, as incertezas e o individualismo, reforçam as crenças empresariais, criada pelo modelo hegemônico capitalista da modernidade líquida, e as falas de professores e alunos são representações dessas crenças.

A atenção às questões centrais da pesquisa ouvindo discussões, opiniões e pensamentos refletidos no espaço cotidiano da escola, pode ser um desafio para o educador preocupado com a subjetividade dos alunos.

2 UM MUNDO EM MOVIMENTO

Dentre as inúmeras formas de se representar um momento histórico, pode-se pensá-lo com base num pintor que, no seu devir criativo, vive o momento da pintura, ornado de sensações e percepções próprias daquilo que poderá ser eternizado como a finalização da pintura.

Em dado momento, vive cada instante que antecede a pintura, pois o passo decisivo do ato de tocar a tela com seu pincel encerra uma série de momentos, pequenos espaços/tempo, nos quais a singularidade de sensações não pode ser descrita em poucas palavras. O que se sabe é que, enquanto vive sua obra, preocupado com os traços, as cores, os detalhes daquela fração de seu mundo cotidiano, enquanto apreende novas inspirações que lhe vêm à imagem mental da obra, não percebe aquele momento histórico, o que lhe ocorrerá, talvez, dali a semanas, meses, ou até anos.

Assim, nesta simples analogia, as pessoas que vivem este momento atual, chamado contemporâneo, o qual deixa para trás momentos vividos, historicidade, e reflete o pensamento ao futuro como algo fluido, cheio de sensações e rumos incertos, disputados numa Ágora global por todos que detêm a liberdade de participação. O passado torna-se verdade, o futuro, incerteza e o presente, a construção.

A sociedade que entra no século XXI não é menos “moderna” que a que entrou no século XX; o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente. O que a faz tão moderna como era mais ou menos há um século é o que distingue a modernidade de todas as outras formas históricas do convívio humano: a compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta modernização; a opressiva e inerradicável, insaciável sede de destruição criativa (ou de criatividade destrutiva, se for o caso: de “limpar o lugar” em nome de um “novo e aperfeiçoado” projeto; de “desmantelar”, “cortar”, “defasar”, “reunir”, ou “reduzir”, tudo isso em nome da maior capacidade de fazer o mesmo no futuro em nome da produtividade ou da competitividade). (BAUMAN, 2001, p.36)

Para Bauman (2001), então, os sinais contemporâneos representam não uma fase inteiramente nova que difere da modernidade, mas sim, alongamentos da mesma. O autor utiliza a metáfora líquida para descrever essa fase, denominada por ele “modernidade líquida” (contrapondo com a “sólida”). O termo líquido remete a fluidez das coisas, muda de forma de acordo com as condições que o circundam.

Lipovetsky (2005) a denomina de hipermodernidade, como um conceito que externaliza a modernidade em excesso, ou seja, um estágio da modernidade em que tudo esta

caracterizado pela quantidade, são características modernas que sem o controle, se apresentam em excesso. Não se fala mais em consumo, mas consumismo, o excesso do consumo. Na área empresarial, é a máxima “temos que produzir mais, em menos tempo e com mais lucro” que ganha força na hipermodernidade, sem importar o impacto sobre o homem ou sobre o mundo.

O mundo moderno externou aos seus expectadores uma revolução com o antigo, alterando radicalmente a forma de pensar e agir, em função de ações desenvolvimentistas e inovadoras, não concebendo em si, qualquer ligadura com o passado. O empirismo sucede ao antigo mundo que instaurou forças naturais para explicar concepções humanas sobre algo que desconheciam. Conforme Lampert (2005, p.12), “o paradigma moderno, muito criticado na era contemporânea por não ter cumprido com as suas grandes promessas, foi um marco na história da humanidade, pois, além de se opor aos dogmas e às regras rígidas da Igreja introduziu, de forma sistemática, estudos científicos”. A ciência por meio de seu produto mais recente, a revolução industrial, passa a ser o eixo norteador do mundo moderno, num alongamento deste mesmo mundo moderno a partir da revolução tecnológica.

Percebe-se que as ações humanas sobre o processo de trabalho definem em si o rumo que norteia o momento atual, seja ele pós-moderno ou hipermoderno, enladeado pelo movimento capitalista desenfreado, “vinculado com o pós-industrialismo e com todo o arsenal de novas idéias”.(LAMPERT, 2005, p.17)

A informação técnico-científica passa a ser a fonte da riqueza do mundo pós-moderno, a partir de que a mesma gere caminhos para o mercado capitalista. Importante ressaltar que Bauman (2001, p.215) chama a atenção a uma nova forma de dominação que não ocorre mais entre “o maior e o menor”, forte e fraco, mas sim, entre “o mais rápido e o mais lento”. A velocidade das informações e a disponibilidade das mesmas ao acesso, dão claramente a idéia entre quem lidera e quem é liderado.

O mundo contemporâneo torna-se carregado de surpresas e inevitáveis tropeços para aqueles que não detenham velocidade de informação e conhecimento, retido na “estratosfera” social em função do capital tornar-se fluido e das empresas não necessariamente fixarem-se em um território demarcado, sendo sua atuação global. Nesta arena competitiva, empresas passam a ditar por meio dos mais variados modelos midiáticos uma clara “legislação” e “regras” de conduta, desviando os possíveis olhares então focados na procura pelo equilíbrio entre classes para o devir universal do consumo, e, portanto, postando cenários indutivos ao vivente do novo mundo.

Arendt fala sobre desvio das ações humanas na dicotomia entre o preservar a humanidade e o atual mundo dos negócios, dizendo que,

[...] é importante estar consciente de quão decisivamente difere o mundo tecnológico em que vivemos, ou talvez em que começamos a viver, do mundo mecanizado surgido com a Revolução Industrial. Essa diferença corresponde essencialmente à diferença entre ação e fabricação. A industrialização ainda consistia basicamente na mecanização de processos de trabalho, e no melhoramento na elaboração de objetos, e a atitude do homem face à natureza permanecia ainda a do homo faber, a quem a natureza fornece o material com que é erigido o edifício humano. O mundo no qual viemos a viver hoje, entretanto, é muito mais determinado pela ação do homem sobre a natureza, criando processos naturais e dirigindo-os para as obras humanas e para a esfera dos negócios humanos, do que pela construção e preservação da obra humana como uma entidade relativamente permanente. (ARENDDT, 2005, p.90)

O Quadro Sinóptico das Três Idades da “Mídiasfera” construído por Debray em 1991 (apud Soares, 2001, p.84), retrata três eras da humanidade: Idade Média, Moderna e Pós-moderna. Debray identifica a idade da videosfera, como pertinente ao mundo pós-moderno, e caracteriza, entre outras coisas: o espaço substituindo o mar e a terra; a individuação em relação ao grupo; o mundo da performance, da economia, do consumismo, do modelo baseado na imagem, portanto, não mais heróis; a mídia substituindo a igreja e a ciência; o conhecimento referendado pela opinião. Isto remete à reflexão sobre características individuais que acabam sendo comuns a um conjunto de indivíduos que transitam pelo momento da modernidade líquida.

Ginsburg (2007, p.163), citando o paradigma galileano, retrata que “quanto mais os traços individuais eram considerados pertinentes, tanto mais se esvaía a possibilidade de um conhecimento científico rigoroso”, no entanto, para Bauman (2001, p.204), “A volatilidade das identidades, por assim dizer, encara os habitantes da modernidade líquida”.

As contraposições entre paradigmas da modernidade e da pós-modernidade, são indiciários de uma tensão, um novo momento. Uma sociedade que constantemente destrói, para reconstruir, numa constância e velocidade totalmente diferenciadas da idade moderna, gera uma série de características encontradas na maioria dos membros das classes dependentes, sendo a principal, uma mescla de alteridade com individualidade.

Não há afirmação que não seja auto-afirmação, nem identidade que não seja construída. Tudo se resume, com certeza, à força do agente em questão. As armas de defesa não estão disponíveis de maneira uniforme para todos, e é razoável que indivíduos mais fracos e mal armados procurem a força do número para compensar sua impotência individual. (BAUMAN, 2001, p.205)

Quando a referência anterior criava no indivíduo uma identidade pautada em um grupo, estruturado pela Nação, direcionado pelo Estado e calcado nas culturas locais de um

povo, agora, globalizado, retirado o peso sobre aqueles e depositando-o no próprio indivíduo. Este torna-se “responsável por si próprio”, pelo desenvolvimento de sua carreira, estudos, pela apreensão por toda a forma de conhecimento, que ora é difuso, controlado e direcionado pelo poder globalizado do capital, como forma de se manter “preparado” para possibilidades sustentáveis de trabalho.

Nos tempos pós-modernos toda sorte de “transferências” acabaram recaindo sobre o indivíduo, na maioria das vezes, através dos meios de comunicação, calcada nas imagens de consumo de um poder hegemônico. Quando anteriormente a responsabilidade social era dever do Estado, a competitividade se reservava à empresa e o discurso empresarial não maculava o discurso acadêmico, o indivíduo podia discernir entre pontos opostos e contraditórios, criando uma visão mais concreta sobre o ambiente. O mundo contemporâneo encerra em si um indivíduo que trilha por caminhos incertos onde todos os outros indivíduos são competidores e, portanto, um distanciamento para a reflexão humana.

Vannucchi (2007, p.194) enfatiza o valor da relação humana, dizendo que “na verdade, a pessoa só se respeita e se desenvolve e se realiza de pleno, quando se abre à outra, quando se relaciona pelo trabalho, pelo estudo, pelo amor. Numa palavra, pelo sair de si, sem se perder”. Observa-se o oposto num mundo globalizado e que incentiva o individualismo sem valorizar o indivíduo, e com ele, as vertentes do egoísmo e da oposição.

Sennett, nos dá um exemplo do tratamento genérico humano ao relatar que,

no mercado globalizado de hoje, os trabalhadores qualificados de nível médio arriscam-se a perder o emprego para um concorrente da Índia ou da China que tem a mesma qualificação mas trabalha por um salário mais baixo; a perda do emprego não é mais um problema exclusivo da classe operária. Mais uma vez, muitas empresas tendem a não fazer investimentos de longo prazo na capacitação de um empregado, preferindo contratar pessoas que já têm as novas qualificações a enveredar pelo processo mais dispendioso de recapacitação. (SENNETT, 2009, p.63)

A sustentação das hegemonias dominantes capitalistas sugere uma linguagem universal substanciada numa sociedade de consumo, ponto convergente de expressivos investimentos em comunicação de massa pelo mercado empresarial, onde o indivíduo torna-se o epicentro do turbilhão de novas informações, produtos e serviços. Sua atenção, agora focada cada vez mais em facilidades, tira-lhe o estímulo ao pensar e refletir.

De acordo com Soares (2001, p.85), “numa sociedade que vive com os olhos embasbacados no glamour geral, qual a possibilidade das pessoas refletirem criticamente sobre si mesmas e sobre a própria sociedade?”.

Deleuze cria o conceito de “deslocamento”, que é uma forma de trazer para o campo da filosofia o que ele considera “roubar” outros conceitos e deslocá-los para um plano de imanência, ou seja, “desterritorializá-lo” para trazê-lo em novo território. Em um de seus textos manuscritos, nunca publicado antes de seu falecimento, Deleuze apropria-se de informações sobre certas ilhas deslocando estas informações geográficas para a filosofia. Existem ilhas continentais e ilhas oceânicas e a diferença entre as mesmas reside em que as primeiras são acidentais, derivadas do continente e as últimas, são originais, advindas das erupções marinhas. Apesar das ilhas poderem ser povoadas, elas em essência são desertas. No entanto, o autor considera-a como o produto do oceano, e este também é deserto. Portanto, sendo o mundo contemporâneo um espaço propício à aridez da sociedade humana, torna-se fator preponderante na formação da individualidade. O filósofo retrata que para que a ilha deixe de ser deserta, “seria preciso operar uma redistribuição geral dos continentes, do estado dos mares, das linhas de navegação”. (DELEUZE, 2008, p.20)

Admitindo-se o deslocamento deleuzeano para o questionamento de Soares, pode-se pensar a necessidade de redistribuição geral das responsabilidades que, por força de uma hegemonia capitalista, calcada no movimento de uma modernidade líquida, transfere e centraliza-a no indivíduo. Apropriando-se das palavras de Paul Natorp (apud Gadamer, 2008, p.09), “De nobis ipsis silemus”, em latim no original, conforme nota do tradutor: sobre nós mesmos, nós silenciamos. O liberalismo de certa maneira, reduziu o indivíduo ao mesmo modelo de troca mercantil, adaptando-o à singularidade, criando mimeticamente uma identidade, mas como alvo central, criando um movimento de dissolução do mesmo na sociedade, tornando-o igual ao todo, no entanto, ainda mantendo-o como indivíduo no que tange à responsabilidade por si. Ele é, agora, aquele que carrega o próprio destino em suas mãos. Nas palavras de Matos (2005, p.50), “todos os elementos dissonantes numa sociedade passiva, inerte e sem reação – como a família, o indivíduo, o amor – devem ser reivindicados, reabilitados contra o totalitarismo da sociedade unidimensional”.

Todo pensamento em conflito com o triunfalismo vigente tem função crítica. A sociedade dominada pela racionalidade da ciência e da técnica, isto é, pela ideologia do progresso, é arquivamento do passado, perda da memória, procedimento necessário para que o presente em “falso movimento”, movimento de mercadorias e não da ação humana, seja tomado como história enquanto tal. Mundo petrificado, este, no qual as mercadorias “se reconhecem a si

mesmas em um mundo que elas próprias criaram”. O indivíduo autônomo, consciente de seus fins, está em extinção, em desaparecimento. É ele que deve ser recuperado. (MATOS, 2005, p.50)

A história humana possui cortes definidos, com transformações que afetaram profundamente a própria sequência da história. Até então, estes marcos históricos delinearam transformações contundentes na questão de dominação humana sobre a natureza. No entanto, a modernidade líquida concentra uma reversão de valores essenciais que, de forma sutil, engendra uma dominação humana sobre o humano, sobre seu modos de pensar, sua atitude, seu comportamento. O momento contemporâneo subjuga o poder de decidir, que é próprio do indivíduo, formatando, moldando agora não somente seu ambiente natural, mas conquistando sua permissibilidade sem ele aperceber-se, adentrando em seu pensamento.

A época moderna, com sua crescente alienação do mundo, conduziu a uma situação em que o homem onde quer que vá, encontra apenas a si mesmo. Todos os processos da terra e do universo se revelaram como sendo feitos pelo homem ou potencialmente produzidos por ele. Assim,

[...] uma sociedade de massas nada mais é que aquele tipo de vida organizada que automaticamente se estabelece entre seres humanos que se relacionam ainda uns aos outros mas que perderam o mundo outrora comum a todos eles. (ARENDRT, 2005, p.125-126)

A ciência trouxe inquestionáveis avanços em todas as áreas do conhecimento humano. Cabe ressaltar, que o pragmatismo científico definiu os padrões desenvolvimentistas, todos calcados na praticidade, no fazer, no saber fazer. O arquétipo producionista, aquele que fomenta o saber fazer, a prática, difundiu a supremacia da obra sobre o autor. A razão sobrepôs-se à emoção. Relações humanas foram estudadas e inseridas nas chamadas ciências sociais aplicadas obliterando ou dando “outra cor” ao processo de alienação humana por intermédio do consumo e da produção, o que refrata as verdadeiras intenções primárias dos estudos e das descobertas em prol da competitividade e da melhor rentabilidade das empresas.

A vida profissional, neste contexto, encerra moldes não consumados e originados num eterno devir da classe dominante. A busca quase incessante pela estabilização já não é mais encontrada quando se pensa em caminhos a seguir. As mudanças tecnológicas em função dos constantes avanços, demarcam o território da modernidade líquida. A fluidez e a incerteza a que Bauman se refere denotam claramente o platô das discussões contemporâneas que assolam o pensamento libertário do indivíduo.

Questões centrais desta modernidade líquida são relacionadas por Baumgarten como sendo: o fim das certezas, o fim das ilusões, o fim dos determinismos e a era do pós-dever. Em toda esta esfera de discussão, ela busca uma reflexão no arcabouço teórico, intitulando o ser humano como fator centralizador no debate sobre o termo (utilizado pela autora) pós-moderno, orlado pela “incerteza, pela falta de valores éticos e de solidariedade no progresso, pela prevalência das escolhas individuais e predomínio do hedonismo e cultura individualista”. (BAUNGARTEM, 2005, p.92)

Matos, foi buscar numa citação de Adorno, quando este escreve sobre Auschwitz, sobre as indiferenças do ser humano com os outros iguais.

Se os homens não fossem indiferentes uns aos outros, Auschwitz não teria sido possível, os homens não o teriam tolerado. Os homens, sem exceção, sentem-se hoje pouco amados porque todos amam demasiado pouco. A incapacidade de identificação foi, sem dúvida, a condição psicológica mais importante para que pudesse suceder algo como Auschwitz entre homens de certa forma educados e inofensivos. (MATOS, 2005, 51)

Mesmo na coexistência humana dentro de um mundo contemporâneo, o indivíduo poderia “transgredir” paradigmas desta pós-modernidade, como a indiferença, reflexo de um hedonismo cultuado, de um indivíduo carente e combalido de identidade. Seria um mundo contemporâneo, através de simulacros revestidos de uma nova realidade, realidade hiper-real, “produto de síntese, irradiando modelos combinatórios num hiperespaço sem atmosfera” (BAUDRILLARD, 1991, P.08), que engendra uma suposta realidade, abstraindo modelos impostos de uma classe hegemônica.

A hiper-realidade e a simulação, essas, são dissuasivas de todo o princípio e de todo o fim, viram contra o poder esta dissuasão que durante muito tempo ele tão bem utilizou. É que finalmente é o capital que se alimentou, no decurso da sua história, da desestruturação de todo o referencial, de todo o fim humano, que rompeu todas as distinções ideais do verdadeiro e do falso, do bem e do mal, para estabelecer uma lei radical de equivalências e de trocas, a lei de bronze do seu poder.

(...) Enquanto a ameaça histórica lhe vinha do real, o poder brincou à dissuasão e à simulação, desintegrando todas as contradições à força de produção de signos equivalentes. Hoje, quando a ameaça lhe vem da simulação (a de se volatilizar no jogo dos signos) o poder brinca ao real, brinca à crise, brinca a refabricar questões artificiais, sociais, econômicas, políticas. É para ele uma questão de vida ou de morte. Mas é tarde demais. Daí a histeria característica do nosso tempo: histeria da produção e da reprodução do real. A outra produção, a dos valores e das mercadorias, a dos bons velhos tempos da economia política, desde há muito não tem sentido próprio. O que toda uma sociedade procura, ao continuar a produzir e a reproduzir, é ressuscitar o real que lhe escapa. É por isso que esta produção

<<material>> é hoje, ela própria, hiper-real. (BAUDRILLARD, 1991, P.33)

Bauman (2001, p.24) de outra forma, aborda esta “desestruturação de referenciais, e de todo fim humano”, quando avalia o efeitos de uma liberdade “subjativa” estabelecida na modernidade líquida, onde os indivíduos “vivendo na escravidão, se sintam livres e, portanto, não experimentem a necessidade de se libertar; e assim percam a chance de se tornar genuinamente livres”.

Em função desta “servidão voluntária” estabelecida por uma cultura capitalista dominante, pode-se apropriar das palavras de Marcuse quando se refere como um produto da sociedade unidimensional ou da indústria cultural. Neste sentido,

... o desenvolvimento de um sistema hierárquico de trabalho social não só racionaliza a dominação, mas também `bloqueia` a rebelião contra a dominação. No nível individual, a revolta primordial está contida na estrutura do complexo de Édipo. No nível social, às rebeliões e revoluções recorrentes seguiram-se contra-revoluções e restaurações. Das revoltas dos escravos no mundo antigo à revolução social de nosso tempo, a luta dos oprimidos terminou no estabelecimento de um novo e `melhor` sistema de dominação; o progresso teve lugar através de um aperfeiçoamento das cadeias de controle. Cada revolução foi um esforço consciente para substituir um grupo dominante por outro; mas cada revolução desencadeou também forças que `ultrapassam a meta`, que lutaram pela abolição da dominação e da exploração. A facilidade com que foram derrotadas exige explicação. (MARCUSE, 1968,apud MATOS, 2005, p.55).

Para Matos (2005, p.52), “a emancipação não é possível em termos gerais. Só há emancipação do indivíduo na medida em que é nele que se concentra o conflito entre a autonomia da razão e as forças obscuras e inconscientes que invadem essa mesma razão”.

Bauman (2008) retrata esta tendência de servidão voluntária através do olhar para um mundo de consumo, onde os padrões reconhecidos pelo mercado acabam ditando os rumos comportamentais do indivíduo. Há a necessidade de uma adequação a estes padrões como um meio de aprovação para que o indivíduo crie o sentimento de pertencimento.

3 EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE EMANCIPAÇÃO

Este capítulo parte da hipótese que a educação, pode transformar os discursos hegemônicos, crenças universais, em crises cognitivas, para pensar as relações humanas como prioridade.

O trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (SAVIANI, 1995, p.17)

De modo geral, a vida cotidiana nos aliena das relações importantes em nossa vida pois ficamos preocupados com horários, burocracia, o dia-dia que nos distancia do entendimento de nossas ações. Na educação, também nos entretemos mais com conteúdos obrigatórios, do que com subjetividades envolvidas nas interações, como se tal conteúdo ou conhecimento estivesse neutro de nossas emoções.

Transmitir conceitos e teorias são importantes para entender o conhecimento humano acumulado, mas não é tudo, é apenas uma parte de um todo complexo que é a educação escolar.

Em todo ambiente escolar, corredores, salas de aula, banheiro, pátio e salas de professores adquirem vida quando são lócus de interações; as pessoas conversam, expõe idéias, discutem formal ou informalmente, mas em ambos os casos com aprendizagens.

Interações, conversas, atitudes, no ambiente escolar, podem ser reveladoras de muitas subjetividades; podemos descobrir o outro e nos mesmos. Seria o momento de se pensar neste “tecido afetivo” e nas relações cotidianas que nele se desfiam, pois na Modernidade Líquida intensificam-se as relações de força, através de uma proximidade de desconfiança.

A falta de alteridade desqualifica o outro, imbutindo numa relação cotidiana o distanciamento e superficialidade, ambos de papel fundamental na educação contemporânea. Utilizando-se das palavras de Gallo (2003, p.70) acerca de uma filosofia da educação, “é necessário que corramos o risco, que mergulhemos nesse caos povoado de opiniões”, pode-se efetuar um deslocamento para o risco de se escrever relatos de experiências, cotidianidade e reflexões acerca de falas e atitudes, mas que sobretudo, permeiam o cotidiano do pesquisador.

A afirmativa de Gallo, leva-nos a pensar o sentido e a forma como o professor poderia contribuir para “emancipação” de seus alunos referente aos sentimentos, e em consequência a atitudes frente à vida, seja ela profissional, afetiva, ou simplesmente cotidiana. No caso do ambiente de trabalho, entender nossa condição social, e responsabilidade frente a um mundo sustentável.

Utilizando de um conceito deleuziano de literatura menor, Gallo, desloca e cria o conceito de educação menor, aquela que acontece no cotidiano escolar, no corpo a corpo, nas ações diretas no ambiente escolar. Contrapondo a educação menor, a educação maior seria dada pelas políticas e parâmetros educacionais, por vezes generalistas e distantes da realidade. Para Gallo, o professor como máquina de guerra, age no cotidiano escolar, na educação menor.

(...) essa luta cotidiana de construção de possibilidades de libertação é uma luta que deve dar-se em diversos ângulos e em diversos níveis. Ela deve dar-se no ângulo do cotidiano da sala de aula, ela deve dar-se nas relações que o professor trava com seus colegas no ambiente de trabalho, ela deve dar-se com as relações que o professor trava no seu ambiente social, mais amplo, mais geral, e ela deve dar-se também nas relações que o professor trava na luta sindical. (GALLO, 2003, p.74)

A proposta de Gallo (2003, p.76) de uma educação menor, condensa características de desterritorialização de uma territorialização, de um ato político, de uma ação de valor coletivo. Para ele “uma literatura menor faz com que as raízes aflorem e flutuem, escapando desta territorialização forçada. Ela nos remete a buscas, a novos encontros e novas fugas [...], nos leva sempre a novos agenciamentos”. A esta afirmação, pode-se pensar a educação efetuando-se este deslocamento para uma educação menor, um refúgio da educação maior, das crenças maiores da macropolítica capitalista, sedimentadas no individualismo e no consumismo, para crenças menores, fundadas no humanismo, na alteridade, no sentido de “emancipação”, movimento libertário dentro da sala de aula, espaço delimitado para a prática da “militância” do esclarecimento, do ato de doar-se além do ensino técnico e teórico.

No entanto, grande parte do ensino de nível superior tem se moldado nas relações técnicas e burocráticas, desequilibrando o espaço de uma educação menor em que se possa conscientizar, ou mesmo, intermediar o indivíduo e a sociedade.

Goergen nos traz uma visão sobre educação dizendo que,

a comunidade acadêmica necessita conscientizar-se de que o paradigma do desenvolvimento mecânico e linear, voltado

exclusivamente ao crescimento econômico, deve transitar para uma abordagem mais complexa, ética e trans-disciplinar que se preocupa com o ser humano. (GOERGEN, 2008, p. 813)

A importância da educação superior na construção da cidadania, fora do modelo de crenças empresariais, segue uma dinâmica diferenciada do mercado de trabalho. Enquanto por atividade principal a transmissão de conhecimento técnico ou não, o ensino superior historicamente acumula a função do fazer pensar, pelo exercício da reflexão, sobre os fatos relevantes sociais, como contribuição à humanidade.

Goergen revela em sua fala os traços da influência do modelo hegemônico no ensino superior. Para Goergen (2008, p. 142) “o novo sistema operacional que emerge da revolução pós-industrial não deixa intacto o saber e, por isso, afeta até na raiz duas funções importantes no interior da cultura: a investigação e a transmissão de conhecimentos”.

Os meios institucionalizados de discussão mercadológica acabam invadindo o mundo acadêmico. São os mesmos discursos utilizados e consagrados tanto no ambiente do trabalho quanto fora deste, que de forma sistemática, são creditados como verdadeiros. Em referência ao cotidiano do ensino superior, podemos nos apropriar das palavras de Andrade, onde

“não se sugere, às pessoas envolvidas no cotidiano escolar, como elas devem ser, o que devem fazer, no que devem acreditar e pensar, mas trata-se de fazer aparecer de que modo até hoje os mecanismos sociais têm funcionado, como as formas de repressão e imposição têm atuado, e, assim, permitir que tais pessoas tenham a possibilidade de se determinar, de fazer, sabendo tudo isso, a escolha de sua existência”. (ANDRADE, 2007, p.104)

3.1 Discurso líquido contemporâneo

Talvez a principal influência nesta modernidade líquida, através da globalização e, conseqüentemente, de uma linguagem internacionalizada, tem sua fundamentação no modelo econômico ocidental, que se estende e influencia os vastos campos dos saberes e do conhecimento mundial.

Para Giddens (2007, p.15), “a globalização está reestruturando o modo como vivemos, e de uma maneira muito profunda. Ela é conduzida pelo Ocidente, carrega a forte marca do poder político e econômico americano e é extremamente desigual em suas conseqüências.” Percebe-se a profundidade do nível de influência deste modelo que, por intermédio da

globalização, afetou profundamente várias áreas como a da música, da mídia televisiva e do mercado empresarial.

Para Bauman (2001), a origem da engenharia social do mundo contemporâneo se deve ao modelo fordista, o qual define claramente a relação binária existente entre aqueles que pensam e os que executam. O modelo de poder capitalista pode ser destacado através de uma língua globalizadora, que “une os povos”, “conecta todos os pontos cardeais do planeta” e que se impõe, mandatária, no entanto, de modo tão sutil tornando-se naturalmente necessária no mundo contemporâneo. Da mesma forma, mega produções cinematográficas ou musicais, principalmente de origem americana, influenciam os costumes locais convergindo-os ao “global”. Dissimuladamente ditam signos de heróis, de moda, de padrões comportamentais, através de um novo paradigma contemporâneo, sempre com referência ao modelo econômico global.

Bauman entende que (2008, p. 14), “o ponto de maior relevância sociológica, porém, é como as palavras são empregadas na construção da história – isto é, onde a fronteira entre nossas ações e as condições sob as quais atuamos (e necessariamente não poderíamos ter atuado de outra forma) está desenhada no curso da narrativa”.

O trabalhador ideal, neste tempo globalizado, identifica como alguém que se ajusta, flexível, e sem vínculos ou compromissos familiares, para ser deslocado e até demitido sem reclamações, ou outros inconvenientes.

(...) o empregado ideal seria uma pessoa sem vínculos, compromissos ou ligações emocionais anteriores, e que evite estabelecê-los agora; uma pessoa pronta a assumir qualquer tarefa que lhe apareça e preparada para se reajustar e refocalizar de imediato suas próprias inclinações, abraçando novas prioridades e abandonando as adquiridas anteriormente; uma pessoa acostumada a um ambiente em que “acostumar-se” em si – a um emprego, habilidade ou modo de fazer as coisas – é algo malvisto e, portanto, imprudente; além disso tudo, uma pessoa que deixará a empresa quando não for mais necessária, sem queixa nem processo. (BAUMAN, 2008, p.17)

Ginzburg (2007) nos diz que por meio das observações das atitudes cognoscitiva e operações intelectuais encontramos os paradigmas indiciários, ou seja, paradigmas que indicam a possível gênese de uma análise. Palavras e frases do mundo empresarial podem tornar-se paradigmas ou crenças muito comuns no meio acadêmico. São indiciários de um modelo em que a velocidade de informação traduz o imediatismo do mundo contemporâneo. Frases como “não perca tempo, pois tempo é dinheiro”, “você tem que ser rápido, hoje tudo é rápido, senão você fica para trás”, “obtenha o máximo de informações para seu sucesso

profissional”, entre tantas outras, refletem o que se pode chamar de crenças no mundo do trabalho.

As organizações empresariais, a fim de auferir maiores lucros, maior exposição de uma boa imagem e por redução de custos diante de um mercado competitivo, criam substratos lingüísticos, frases acabadas, para que as pessoas envolvidas insiram-se no linguajar organizacional, uma linguagem hegemônica para que possam tornar-se “defensores” desta mesma linguagem.

(...)estar à frente portando os emblemas das figuras emblemáticas da tendência de estilo escolhido por alguém de fato concederia o reconhecimento e a aceitação desejados, enquanto permanecer à frente é a única forma de tornar tal reconhecimento de “pertença” seguro pelo tempo pretendido – ou seja, solidificar o ato singular de admissão, transformando-o em permissão de residência (por um prazo fixo, porém renovável).(BAUMAN, 2008, p.108)

Observa-se na mídia em geral, mas no comércio de revistas em específico, sobre gestão para todos os públicos, leituras abarrotadas de figuras esguias e bem trajadas à moda padrão de um modelo empresarial. Textos, opiniões, entrevistas e dicas revelando o modelo a ser seguido para o sucesso no mundo da gestão empresarial, também corroboram a crença dos modelos dialógicos desta modernidade líquida.

Na revista Vocês/A mês junho (2003), no texto “Tudo pelo Social” (Anexo A) há a afirmação baseada na consultoria pela astrologia, de que “as tendências do mercado de trabalho apontam para uma sociedade em que há espaço somente para quem se preocupa em se renovar constantemente. As mudanças serão cada vez mais imperativas e vão correr em velocidade crescente, de tal forma que um profissional não consiga chegar a um ponto em que se considere totalmente formado”. Ainda expõe trechos como “assim, o desenvolvimento da carreira ou a realização de um negócio serão pautados por sua real utilidade”, e que “o trabalho estará cada vez mais ligado ao bem-estar das pessoas. Pelo menos é o que dizem os astros...”. As afirmações sobre a velocidade dos acontecimentos através de mudanças imperativas e o trabalho ligado cada vez mais ao bem-estar acabam não se tornando frases incoerentes, visto pelo ângulo dos astros.

Num mundo contemporâneo, líquido por natureza, o ambiente do trabalho também adquire formas variadas, fluidas. Neste sentido a revista Você S/A mês abril (2005), traz um artigo sobre o crescimento espiritual (Anexo B) pelo caminho da empresa. Diz o entrevistado que “as empresas vencedoras sabem que a inovação e a ambição vêm do coração. Se você não trabalha com o coração, não é competitivo como deveria ser. E o mercado já não tem mais

espaço para isso”. No mesmo artigo, um consultor menciona que “Qual a única entidade que pode destruir ou consertar o mundo hoje? Não é mais a igreja, um líder carismático ou um partido político. É a “organização”, afirmando ainda que “por mais que se esforcem, as universidades sempre estarão um passo atrás em relação à realidade corporativa”.

Neste sentido, Goergen (2008, p.146) nos lembra da legitimidade do ensino superior estar consagrada à “grande tarefa do progresso social ou na narrativa da emancipação”. O modelo hegemônico influencia as culturas contemporâneas, transformando por intermédio de seu discurso as verdadeiras funções do ensino superior, bem como transgride os estudos focados no ser humano, derivando-os para a acumulação de capital.

Pesquisas realizadas sobre inteligência emocional, no campo da psicologia, serviram para que o discurso se torna-se único dentro das empresas: o controle emocional. A revista *Você S/A*, mês fevereiro (2003), apresenta a matéria “Xô, tristeza”, traçando o perfil de trabalho de uma fundação educacional para “recuperação da tristeza”, que tem como objetivo ajudar funcionários a lidarem com perdas no plano pessoal. Em destaque, o objetivo maior é medir quanto as empresas americanas deixam de ganhar com problemas pessoais de seus funcionários. (Anexo C).

Todo o aparato de comunicação é utilizado para dar mais veracidade às verdades, diga-se crenças, criadas e difundidas pelas empresas. Na coleção “Cresça” com a *Você S/A* mês abril, o artigo Destaque-se no trabalho, diz que “o problema não está na competição em si”, já que “o gosto pela disputa faz parte da natureza humana”, e que “as empresas são ambientes competitivos”(Anexo D). Este mesmo artigo dá ênfase ao compartilhar conhecimento, uma vez que estamos na sociedade do conhecimento e, dentro das empresas, há uma busca por este compartilhamento, ou seja, a doação do conhecimento através de registros em específicos softwares, criando a imagem do “bom” colaborador. No entanto, muitas empresas a utilizam no intuito de minimização de custos no treinamento de novos “recursos humanos” para a mesma atividade.

Outro exemplo, da revista *Você S/A* mês abril (2008), extremamente veiculada no ambiente da educação superior, pode-se extrair a frase de que “a evolução da sua carreira depende da velocidade, da qualidade e do impacto de suas escolhas nos negócios” (Anexo D), frase esta que por si só, demonstra a essência de controle panóptico dos modelos empresariais.

Na mesma revista, um trecho de mensagem diz: “Simples mortais: deixem de ser simples” e no rodapé menciona: “para se destacar num mercado competitivo você não precisa só ser bom, você precisa ser ótimo” (Anexo E). Não há questionamento das injustiças sociais que o desemprego acarreta, mas, sim a inversão de responsabilidades, o indivíduo é o único

responsável pelo seu sucesso ou fracasso, se a empresa não lhe contratou, não foi por falta de vaga, mas por sua incompetência profissional, essa se torna uma crença predominante no mundo empresarial.

Na modernidade líquida, o ser humano extrapola o produto que fabrica ou o serviço que presta, disponibilizando-se ao consumo. Esta cascata de informações chega a prezar pelo excesso de opinião, confundida com conhecimento. Uma capa de revista explora a responsabilidade individual pelo “sucesso”, como sugere a revista *Veja* de novembro (2009): “Carreira, agora é com você! O Brasil decolou e as oportunidades estão aí” (Anexo F). Mais que isso, a *Você S/A* mês junho (2008) menciona uma lista de competências designadas pelos presidentes de companhias globais, e a chamada: “Seja o talento que o mercado procura: presidentes e especialistas em carreira contam quais competências vão fazer de você um profissional indispensável”. (Anexo G)

Tão presente nos meios midiáticos e no meio acadêmico, a revista *VocêS/A* apresenta em seu próprio nome a ideia de uma sociedade onde apenas o indivíduo é conhecido. Seus sócios subjetivamente são as empresas, o que na realidade incorre em não verdade, pois existe apenas a “ideia” de sociedade entre o indivíduo e as corporações.

Outra revista tem como marca e nome Marketing pessoal. Observa-se, no entanto, que a palavra marketing tem o significado da mercantilização ou, de forma menos agressiva, negociação de um produto e/ou serviço para determinados clientes, absorvendo a ideia de mercantilização dos “serviços” e “produtos” daquele ser humano; tendência linguística influente no meio acadêmico, por excelência. Isto exemplifica e minimiza o ser humano e seu conhecimento a uma mercadoria a ser consumida, portanto venda-se, sugere um modelo de indivíduo produto para consumo.

Mas, essas questões são apontadas pela mídia como escolhas livres do indivíduo, que deve tomar suas decisões, para sua carreira e seguir o caminho que melhor lhe aprouver. Em referência a esta liberdade condicionada, Bauman (2008, p.113) diz que “é a sua responsabilidade o tipo de vida que deseja levar, como resolve vivê-la e os tipos de escolha que você faz para que seu projeto se concretize; culpe a si mesmo, e a ninguém mais, se tudo isso não resultar na felicidade que você esperava”.

Tão livre é a escolha do indivíduo, sua liberdade condicionada, que na revista *Você S/A* mês fevereiro (2003) cita o caso de um executivo que foi “impulsionado” pela empresa a participar de um programa para redução dos seus 97quilos que não era compatível com seus 1,72 metro (Anexo H). Atingindo a meta estipulada da perda de 19 quilos, ele atingiria o objetivo e ganharia um bônus salarial. Um exemplo típico de como somos o próprio produto

de venda, a coisa a ser melhorada para servir aos objetivos do melhor desempenho, de mais lucro.

Adorno interpreta a crise do indivíduo contemporâneo pela falta da emancipação deste indivíduo, pelo ato de não mais ter domínio sobre si, apenas restando adequar-se à condição pré-estabelecida.

Neste sentido,

a ordem econômica e, seguindo seu modelo, em grande parte também a organização econômica, continuam obrigando a maioria das pessoas a depender de situações dadas em relação às quais são impotentes, bem como a se manter numa situação de não-emancipação. Se as pessoas querem viver, nada lhes resta senão se adaptar à situação existente, se conformar; precisam abrir mão daquela subjetividade autônoma a que remete a ideia de democracia; conseguem sobreviver apenas na medida em que abdicam seu próprio eu. (ADORNO, 2006, p.43)

Para Adorno (2006, p.47), “a propaganda, a manipulação racional do irracional, constitui um privilégio dos totalitários”, sendo por intermédio dela, o meio mais contundente da transferência de responsabilidade por caminhos e atos a serem percorridos num mundo do instantâneo, onde a palavra de ordem transfigura-se na manipulação subjetiva do indivíduo.

Exemplo disso segue-se na capa da revista Exame mês setembro (2005), traz fotos de uma equipe de gestores e a mensagem: “para os melhores, tudo” (Anexo I). No canto superior da capa, a frase conclusiva: “Especial Amazônia: só a exploração econômica pode salvar a região da ruína”. Na mesma revista, uma propaganda interna configurando a própria revista como a solução para os problemas do indivíduo, quando diz: “Daqui a alguns anos, o mundo vai ser dividido entre os bem-sucedidos e os que não leram”. (Anexo J)

De certa forma, num mundo líquido, o cotidiano torna-se uma tormenta aos trabalhadores, isso é tão comum que a própria sociedade a encara como natural uma vez que são produzidas pelo próprio mundo capitalista novas formas de “soluções” que emergem para que nada afete os resultados das empresas como mencionada na revista Você S/A do mês de fevereiro (2003). (Anexo K).

Entende-se que a comunicação de massa atua como um manipulador nas mentes das pessoas, que as faz pensar na normalidade dos acontecimentos, que as faz internalizarem as falas e os conceitos de um mundo líquido, transformando-os apenas em peças sem conexão e distantes umas das outras. A individualidade gera respeito, mas o individualismo gera ignorância de cognição e reflexão uma vez que o humano aprende e apreende do outro. Nos remete a pensar que são processos anti emancipatórios.

Grandes pensadores nos remetem a repensar nossos conceitos, nossas visões, aquilo que nos foi ou é imposto como o politicamente correto, principalmente no que concerne ao discurso mercadológico, calcado em interesses capitalistas.

Bauman (2001, p.228) cita as *Cloakroom communities*¹, fazendo, um “deslocamento” deleuzeano de como se comportam e vestem pessoas que vão ao teatro. De forma quase que codificada, seguem um padrão uniforme para se parecerem iguais, desde a utilização das capas ao saírem de casa até as condutas dentro do teatro. Conforme Bauman (2001, p.228),

“durante a apresentação, todos os olhos estão no palco, e também a atenção de todos. Alegria e tristeza, risos e silêncios, ondas de aplauso, gritos de aprovação e exclamações de surpresa são sincronizados – como se cuidadosamente planejados e dirigidos. Depois que as cortinas se fecham, porém, os espectadores recolhem seus pertences do *cloakroom* e, ao vestirem suas roupas de rua outra vez, retornam a seus papéis mundanos, ordinários e diferentes, dissolvendo-se poucos momentos depois na variada multidão que enche as ruas da cidade e da qual haviam emergido algumas horas antes”.

Esta associação também pode ser percebida na cultura consumista deste momento pós-moderno enquanto veiculação de massa de conceitos pré-moldados e direcionados intencionalmente à criação de modelos de conduta e pensamento, conforme as exigências de mercado acontecem.

Bauman (2008, p.128) comenta que

“a cultura consumista é marcada por uma pressão constante para que sejamos alguém mais. Os mercados de consumo se concentram na desvalorização imediata de suas antigas ofertas, a fim de limpar a área da demanda pública para que novas ofertas a preencham. Engendram a insatisfação com a identidade adquirida e o conjunto de necessidades pelo qual se define essa identidade. Mudar de identidade, descartar o passado e procurar novos começos, lutando para renascer – tudo isso é estimulado por essa cultura com um *dever* disfarçado de privilégio”.

As modelagens propaladas agem como criadoras de “comunidades voláteis, transitórias e voltadas ao aspecto único” ou “propósito único”. Extraem poder não de sua possível duração mas, paradoxalmente, de sua precariedade e de um futuro incerto, da vigilância e investimento emocional, da criação de uma frágil existência.

¹ Literalmente, “comunidades de guarda-casacos”, em alusão aos locais onde, em museus e teatros, deixam-se capas e casacos, que são retirados na saída (N.T) (BAUMAN, 2001, P.227)

Analogamente às *cloakroom communities*, vemos cada vez mais a disseminação e a interiorização de conceitos e crenças que interferem de forma estrutural na vida das pessoas.

Bauman (2001, p.230) relata os efeitos destas comunidades, de forma que

“elas eficazmente impedem a condensação de comunidades “genuínas” (isto é, compreensivas e duradouras), que imitam e prometem replicar ou fazer surgir do nada. Espalham em vez de condensar a energia dos impulsos de sociabilidade, e assim contribuem para a perpetuação da solidão que busca desesperadamente redenção nas raras e intermitentes realizações coletivas orquestradas e harmoniosas”.

Tanto a manipulação midiática quanto os modelos de falas e pensamentos criados, seguem o conceito reducionista, de forma que o indivíduo reduza suas atividades mentais de reflexão, embasadas em conhecimento amplo de fundamentos cognitivos durante a formação acadêmica, pois reproduzem o modelo capitalista.

3.2 Contribuição educacional líquida para a emancipação

Enquanto imperceptivelmente a impotência se instala entre as pessoas afastando-as do próprio eu, o mundo líquido gera a metamorfose humana ante os discursos midiáticos que proliferam no meio acadêmico. Será então a educação e os educadores os geradores de emancipação humanizadora, através de um contra-discurso líquido?

Segundo Bourdieu e Passeron (2008, p. 143),

“professores e estudantes não fazem senão obedecer às leis do universo escolar como sistema de sanções: além do fato de que não poderiam adotar uma nova linguagem e uma nova relação com a linguagem sem operar uma dissociação dos conteúdos comunicados e da maneira de comunicá-los, que ele não pode conceber porque estavam indissociavelmente ligados na maneira como ele próprio os recebeu e assimilou [...]”

Lembrando as palavras de Duarte (2006, p.35) sobre a afirmação de que “a educação escolar deva desenvolver no indivíduo a capacidade e a iniciativa de buscar por si mesmo novos conhecimentos, a autonomia intelectual, a liberdade de pensamento e de expressão”.

A questão principal é quem estaremos formando num momento que conduz ao individualismo, ao consumo irrefletido, que também conduz à busca por caminhos para atingir conhecimentos ditados por um mercado insaciável, ora induzindo a estereótipos sem

fim, ora induzindo à cegueira que afeta os próprios professores que “formaram” suas opiniões e opções de julgamento por outros que também foram “formados” para contribuir na hegemonia capitalista?

Quando há preocupação do professor mesmo que em uma aula técnica, à qual venha trazer em seu bojo discussões éticas, sociais e relacionais, o princípio de humanidade pode ser resgatado como um meio de aplicabilidade da educação menor, conforme Gallo (2003).

Seguindo nos moldes de Gallo (2003, p.75), a intenção é de

“promover um exercício de deslocamento conceitual: deslocar esse conceito, operar com a noção de uma educação menor, como dispositivo para pensarmos a educação, sobretudo aquela que praticamos no Brasil em nossos dias. Insistir nessa coisa meio fora de moda, de buscar um processo educativo comprometido com transformações no status quo; insistir nessa coisa de investir num processo educativo comprometido com a singularização, comprometido com valores libertários”.

O cotidiano escolar do ensino superior, as mídias profissionais como revistas e sites eletrônicos, os discursos de palestrantes, enfim, acabam fazendo empréstimos lexicológicos do mundo capitalista de forma tal que esta apropriação invada a vida particular, gerando uma tênue separação entre estes espaços. O ser humano é único. Bauman (2001, p.34) chama a atenção desta cisão humana comentando que,

“a burocracia, afim, pelo menos em suas tendências inatas, ao modelo ideal de Marx Weber, em que as identidades e laços sociais eram pendurados no cabide da porta da entrada junto com os chapéus, guarda-chuvas e capotes, de tal forma que somente o comando e os estatutos poderiam dirigir, incontestados, as ações dos de dentro enquanto estivessem dentro.”

Bauman (2001, p.34) explicita a modernidade traçando um olhar sobre o modelo reducionista fordista, comenta que “a fábrica fordista, que reduzia as atividades humanas a movimentos simples, rotineiros e predeterminados, destinados a serem obediente e mecanicamente seguidos, sem envolver faculdades mentais e excluindo toda espontaneidade e iniciativa individual”.

Neste sentido, esta mesma disseminação de falas e conceitos apropriados do modelo capitalista, de caráter reprodutivo, reducionista e mecanicista, invade o cotidiano de profissionais e jovens, de tal forma tornar estes conceitos comuns associando-os à natureza humana.

Sennett (2011) nos chama a atenção para a questão do caráter neste mundo em mudanças, o mundo líquido de Bauman (2001), assolado pelo individualismo e fragmentação cognitiva do conhecimento calcado nos “valores de camaleão da nova economia” (SENNETT, p.27). Para ele, “o que é singular na incerteza hoje é que ela existe sem qualquer desastre histórico iminente; ao contrário, está entremeada nas práticas cotidianas de um vigoroso capitalismo”. (SENNETT, p.33)

As pessoas se submetem a um constante remodelamento, para continuarem no mercado de trabalho, a conduta se inverte segundo Bauman (2008), de consumidores passaram a serem objetos de consumo.

4 A MODERNIDADE LÍQUIDA NAS FALAS DE PROFESSORES E ALUNOS

Este capítulo descreve sobre a investigação preliminar, estudo exploratório da bibliografia como fonte secundária e da pesquisa de campo como fonte primária, esta executada de forma sistemática com o objetivo de levantar frases e discursos de alunos e professores do ensino superior, com características reconhecidas como dos tempos líquidos que vivemos. Como formulação provisória, a hipótese propôs que o cotidiano escolar do ensino superior é um lócus de interações que revelam como as crenças do ambiente empresarial estão qualificando as relações humanas.

A pesquisa de campo delimitou-se a professores e alunos(as) de instituição de ensino superior, local de atuação profissional do pesquisador. Não se caracterizou evidenciar quantitativamente falas por gênero pois entende-se que as influências afetam a ambos. Optou-se o levantamento da mediana das idades e não a média, a primeira tendendo ao ponto central das idades e a última com forte influência da amplitude.

A análise dos dados coletados buscou evidências de relações existentes entre frases e palavras tanto de alunos e professores como também do meio midiático que age como personagem de propagador do discurso capitalista. Como veículo propagador, optou-se o levantamento em revistas de fácil acesso a estudantes e público em geral.

Para Marconi e Lakatos (2003, p. 186) a pesquisa de campo “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los”.

4.1 Objetivos

O objetivo geral foi compreender características do mundo contemporâneo e perceber a relação com o trabalho. Para cumprir tal objetivo foram realizadas leituras de autores contemporâneos e levantamento de artigos sobre essa temática.

Como objetivo específico, pretendeu-se identificar características, que denominamos categorias, ou indícios sobre a modernidade líquida, nas conversas informais com alunos e professores do ensino superior.

4.2 Procedimento de pesquisa

Para cumprir o objetivo específico, foi escolhido como procedimento realizar um diário de campo para coleta de falas, palavras e frases, em curso tecnológico de gestão de recursos humanos.

Considerando Marconi e Lakatos (2003, p. 186), pesquisas de campo requerem “em primeiro lugar, a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema em questão”, e “em segundo lugar, de acordo com a natureza da pesquisa, deve-se determinar as técnicas que serão empregadas na coleta de dados e na determinação da amostra, que deverá ser representativa e suficiente para apoiar as conclusões”.

Neste sentido, determinou-se a pesquisa de campo exploratória, visto que:

Exploratórios são investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e clarificar conceitos. Empregam-se geralmente procedimentos sistemáticos ou para a obtenção de observações empíricas ou para as análises de dados (ou ambas, simultaneamente). Obtém-se frequentemente descrições tanto quantitativas quanto qualitativas do objeto de estudo, e o investigador deve conceituar as inter-relações entre as propriedades do fenômeno, fato ou ambiente observado. Uma variedade de procedimentos de coleta de dados pode ser utilizada, como entrevista, observação participante, análise de conteúdo etc., para o estudo relativamente intensivo de um pequeno número de unidades, mas geralmente sem o emprego de técnicas probabilísticas de amostragem. (MARKONI; LAKATOS, 2003, p.188)

Durante um semestre foram registradas falas que ocorreram em sala de aula, com atividades didáticas diferentes. As anotações de professores ocorreram preferencialmente nas salas dos mesmos enquanto momentos de conversas. Os momentos informais de corredor também contribuíram, ou seja, toda conversa ou discurso referente a situações de atividades de trabalho ou atuações profissionais foram anotadas.

As falas registradas revelam parcialmente o cotidiano de uma sala de aula de um curso de Gestão em Recursos Humanos com 43 alunos, que foram anotadas em diário de campo, no primeiro semestre de 2008. Importante ressaltar que a média de idade da maioria do grupo não ultrapassa os vinte e três anos de idade e grande parte são mulheres solteiras e ainda não haviam iniciado atividade profissional.

Os professores são de variadas formações sendo que na maioria dedicam-se apenas à educação. A maior parte deles tem formação em Administração de Empresas. A pesquisa foi feita na Universidade de Sorocaba, que tem longa tradição em ensino, pesquisa e extensão.

Os registros foram organizados identificando as falas de aluno e professores, sendo realizada uma análise de conteúdo aos moldes de Bardin (1979), com uma leitura rastreadora, ou flutuante, grifando termos comuns e agrupando para possibilitar a criação de categorias.

4.3 Resultados e análises

O cotidiano empresarial, assim como o ambiente acadêmico de cursos ligados à gestão de empresas são ricos celeiros para reproduzir crenças absolutas, máximas, que motivem as pessoas a agirem, conforme as crenças hegemônicas, criadas pelas elites das empresas. Frases registradas no diário de campo podem reforçar estas crenças.

As falas, ditas por professores reforçam crenças de uma sociedade de consumismo, criadas por uma elite empresarial focada no individualismo, competição e lucro, sendo, segundo essa crença, a responsabilidade pelo insucesso do próprio indivíduo que não cumpriu, ou não seguiu as regras ditadas pelo mercado.

“a cultura consumista é marcada por uma pressão constante para que sejamos alguém mais. Os mercados de consumo se concentram na desvalorização imediata de suas antigas ofertas, a fim de limpar a área da demanda pública para que novas ofertas a preencham. Engendram a insatisfação com a identidade adquirida e o conjunto de necessidades pelo qual se define essa identidade. Mudar de identidade, descartar o passado e procurar novos começos, lutando para renascer – tudo isso é estimulado por essa cultura com um dever disfarçado de privilégio.” (BAUMAN,2008, p.128)

Os resultados dos registros sobre as falas de alunos e professores são apresentados de acordo com três categorias, características do mundo contemporâneo, escolhidas entre outras que também poderiam ser destacadas como representativas de crenças arraigadas do mundo do trabalho empresarial.

São elas:

1. Individualismo;
2. Imediatismo, Rapidez das mudanças;
3. Medo e Incertezas.

Tabela 1 – Comparativo de categorias x registros

Respondentes	Individualismo	Imediatismo, Rapidez das mudanças	Medo e Incertezas
Professores	02	05	05
Alunos	10	07	15

Fonte: Autoria Própria. (2009)

4.3.1 Categoria Individualismo

Bauman (2008, p.36) elucida que “a incerteza de hoje é uma poderosa força individualizante. Ela divide em vez de unir [...]. Medos, ansiedades e tristezas são feitos de tal modo que devem ser sofridos sozinhos”.

Em Baudrillard (1991, p.42), encontramos a afirmação de que “esta é a vertente de uma sociedade hiper-realista, em que o real se confunde com o modelo”, sendo estes modelos atuais, disseminados como crenças, criações imposta de um modelo social capitalista desmedido, focado somente na acumulação de riquezas.

Nesta característica as falas levam em conta o sistema capitalista do lucro a qualquer custo, internalizam a visão de competitividade e desconsideram o efeito social, ou relações humanas.

De acordo com Bauman (2008, p.64),

“[...] se ficam desempregados, é porque falharam ao aprender as habilidades para se saírem bem numa entrevista, porque não tentaram com afinco ou porque estão, pura e simplesmente, envergonhados de trabalhar. Se não estão seguros a respeito de suas carreiras futuras e se angustiam quanto ao futuro, é porque não são bons o suficiente em fazer amigos e influenciar pessoas, e porque falharam em aprender como deveriam as artes da auto-expressão e de impressionar os outros. É isso que lhes é dito, e o que eles chegaram a acreditar, de modo que se comportam “como se” essa fosse de fato a verdade sobre a questão.”

Como observa Cornelius Castoriadis (apud Bauman, 2008, p.73), nossa sociedade “parou de se questionar”. Bauman (2008) retrata esta questão como a perda da autonomia de uma sociedade, que torna-se dirigida por outros, sem qualquer esperança de determinar seus objetivos e buscá-los.

Abaixo relacionam-se as falas de professores e alunos dentro da categorização individualismo. São falas que retratam o cotidiano das pessoas, que internalizadas, traduzem

sentimentos de medo e insegurança do que será o futuro, tal qual uma embarcação ao léu no meio do oceano, tocada pelas ondas, na única certeza de rumos incertos.

Falas de professores:

- *“Cada profissional precisa se diferenciar dos demais; esta sala de aula está cheia de concorrentes para mesmos cargos”;*
- *“Bom líder é aquele que consegue traduzir sua liderança em mais lucro para a empresa”.*

Falas de alunos:

- *“Professor, tenho medo é eu não conseguir acompanhar tantas evoluções, e conseqüentemente meu filho (ele é uma criança de 02 anos), ele tem uma vida inteira pela frente, de conhecimentos, entrosamentos com esse mundo moderno e competitivo. Quantos desafios irá passar e como se colocará diante de cada um deles. Qual será sua opção de vida e sobrevivência em um mundo tão individualista?”;*
- *“estou estudando mas não sei se vou obter bons resultados na profissão.”;*
- *“tenho receio de perder a motivação em meu serviço, por causa de problemas muito difíceis de serem resolvidos, angústia de não corresponder aos meus padrões e tudo mais”;*
- *“percebo que é difícil ouvir as pessoas assim como para elas também é difícil ouvir”;*
- *“A relação com a sociedade está cada vez mais difícil, está cada vez mais competitivo no mercado de trabalho, muita disputa...a cada dia que passa, as pessoas pensam cada vez mais em si próprios e não se lembram do seu próximo.”;*
- *“estou buscando ser uma profissional baseada no modelo em que possa abranger as necessidades do mercado de trabalho e ser reconhecida.”;*
- *“não sei ao certo mas estou procurando seguir um caminho, onde eu tenha, um futuro bom, ou seja, um futuro onde eu me sinta bem.”;*
- *“hoje em dia fica difícil dizer se há um caminho certo a seguir. Só sei que a cada dia devemos buscar sempre mais informação, porque na competição por uma vaga de trabalho, com certeza será escolhido aquele que estiver na frente. O mundo hoje vive de informações e quem está informada chega sempre primeiro.”;*
- *“penso que não exista um caminho, uma trilha. Hoje eu penso em trabalhar no setor de seleção, ontem pensava em produção, amanhã talvez me dedique à qualidade.”;*

Claro, eu escolhi seleção hoje fazendo o curso. Se amanhã eu mudar o caminho, eu vou tentar ao máximo andar paralelo, mas o foco maior para qualquer área, qualquer caminho é ser um gestor, um gerente. Eu quero olhar para minha assinatura e saber que ela serve para alguma coisa.”;

- *“Um preconceito da atualidade é o de que as pessoas visam a gente com o que você possui e em que você trabalha. Pretendo melhorar na minha carreira profissional e ter um emprego melhor, porque eu passo por muitas dificuldades de preconceito pelo que eu faço de trabalho.”.*

4.3.2 Categoria Imediatismo, Rapidez das mudanças.

Para Bauman (2008, p.50), “a prudência sugere que, para qualquer pessoa que deseje agarrar uma chance sem perder tempo, nenhuma velocidade é alta demais; qualquer hesitação é desaconselhada, já que a pena é pesada”.

As falas expressam claramente a pressão das crenças empresariais sobre o indivíduo, com relação a rapidez das mudanças e portanto necessidades de resultados imediatos. As pessoas assumem a crença da necessidade de rapidez nas ações como inquestionável, e de responsabilidade ligada à responsabilidade individual.

Falas de professores:

- *“O mercado é muito rápido e você precisa se adequar a ele.”;*
- *“O mercado necessita de pessoas eficazes.”;*
- *“O mercado exige profissionais que sejam competentes.”;*
- *“Precisam ser dinâmicos e criativos, pois as empresas querem pessoas assim.”;*
- *“Um profissional bem informado é um profissional bem sucedido”.*

Falas de alunos:

- *“Professor, hoje as pessoas andam tão ocupadas que esquecem das pessoas ao lado e isto é um receio muito grande que eu tenho.”;*
- *“Apesar de haver pressão por agilidade, é preciso muito cuidado para não se tornar precipitado.”*
- *“Tenho receio de não ter conhecimento suficiente ou não ser tão eficiente para superar as expectativas que a sociedade impõe.”;*

- *“Às vezes tenho vontade de desistir e continuar vivendo na mesma, a vida toda, porque cada vez mais o “cerco” se fecha e fica cada vez mais competitivo em tudo que se faz, mas eu não me contento com a rotina e procuro crescer, nem que seja só em conhecimentos.”;*
- *“Estou depositando todas minhas esperanças nessa formação, quero ter uma profissão, ter perspectivas de crescimento, quero mostrar que sou capaz de fazer coisas novas e não somente obedecer ordens, que me realizar profissionalmente.”;*
- *“Apesar do mundo competitivo, almejo uma carreira em que eu possa obter reconhecimento tanto financeiro como profissional e estabilidade. Mesmo que haja sacrifício e o caminho seja árduo, no fim, sempre vale a pena. Assim, sinto a necessidade de me atualizar sempre, garantindo um caminho seguro.”;*
- *“Talvez não seja angústia, mas sim uma impaciência. Eu quero ver acontecer logo, eu quero ver o retorno. Eu planto hoje para colher amanhã e acho que isso vai me prejudicar mais adiante.”.*

4.3.3 Categoria Medo e Incertezas

Bauman nos diz que,

“a nova hierarquia de poder está marcada, no topo, pela capacidade de se mover com rapidez e sem aviso, e na base, pela incapacidade de diminuir a velocidade desses movimentos, que dirá pará-los, associada à sua própria imobilidade. Fuga e evasão, leveza e volatilidade, estas características substituíram a presença pesada e ameaçadora como técnica principal de dominação”. (BAUMAN, 2008, p.48)

No entanto, as características desta modernidade líquida geram a incerteza, insegurança, medo, através da própria condição contemporânea. Percebe-se, nas falas de alunos e professores que, balizados e moldados nesta atmosfera de crenças, encontram pressões para aquilo que se deve ser, seguir, fazer, aprender, ditado pela crença hegemônica e pela falta de “emancipação” sobre o conhecimento de que essas crenças são impostas para atender a desejos de um poder que sobrevém da “criação” de uma sociedade do consumo. As falas expressam principalmente o medo da própria incapacidade, o medo gerado pelo sentimento de ser um fracasso.

Falas de professores:

- *“Um executivo não pode errar.”;*
- *“Hoje há a necessidade de saber trabalhar em ambiente sob pressão, resolver conflitos.”;*
- *“Sem inglês não há como progredir na carreira.”;*
- *“O mercado necessita de pessoas inovadoras”;*
- *“Os profissionais precisam ser criativos.”.*

Falas de alunos:

- *“Meu maior medo é que ao final do meu caminho profissional, e também no decorrer deste, eu não alcance metas, ainda não todas definidas...”;*
- *“Tenho medo de que eu seja infeliz, que eu tenha comigo um sentimento de que passei pela vida e não vivi...que as pessoas mais próximas, como minha família, se decepcionem com o que fiz ou deixei de fazer, e não ser o que eles esperavam de mim.”;*
- *“Detesto coisas que fujam do meu controle, gosto de organização, me importo demais com a opinião das pessoas, isso nem sempre é bom, profissionalmente falando, porque as pessoas procuram encontrar suas fraquezas e usá-las contra você.”*
- *“Meu maior medo em relação à atual sociedade é o que vou ser futuramente, o que vão pensar ou julgar de mim como profissional. Medo de me decepcionar comigo mesma, não corresponder às expectativas da empresa, e também de não conseguir um emprego na área de formação, de conseguir expor minhas idéias, de não ser bem recebida em meu ambiente de trabalho.”.*

As incertezas acompanham o ser humano na sua história. No entanto, as incertezas profissionais e de vida do mundo líquido são efeitos de um processo de crenças hegemônicas, as quais se intensificam no indivíduo. Para Bauman (2001), a vida para o trabalho está saturada de incertezas uma vez que as mudanças tornam-se constantes, tal qual a exigência de novos produtos para satisfação da geração de novas necessidades.

As empresas criam mudanças constantes nos padrões de produtos devido à alta competitividade concorrencial. No mercado de trabalho se difunde o modelo padronizado, o estereótipo de trabalhador que o indivíduo busca seguir para manter-se, minimamente

identificado dentro destes padrões. As alterações de necessidades de consumo, mudanças, que chamadas de flexibilização no mundo do trabalho, acarretam incertezas e estas, uma “certa” agonia, ansiedade, podendo até mesmo ser a causa de tanto estresse no público jovem.

A incerteza do presente é comentada por Bauman (2001, p. 170) como “uma poderosa força individualizadora. Ela divide em vez de unir; e como não há maneira de dizer quem acordará no próximo dia em qual divisão, a ideia de “interesse comum” fica cada vez mais nebulosa e perde todo o valor prático.

Estes medos e incertezas gerados pela crença em “verdades” criadas neste momento líquido são os itens de maior ocorrência. São constantes e intensos, afetam diretamente a conduta e a vida humana. As falas denotam principalmente falta de esperança, falta de rumo, ansiedade e angústias.

Complementando as características de medos e incertezas, tem-se:

Falas de alunos:

- *“Estou numa fase onde o serviço está me sufocando, totalmente desmotivada, sem nenhuma perspectiva de mudança. Gostaria de poder expor minhas ideias, mas a própria estrutura da empresa me impede e isso me deixa muito angustiada.”;*
- *“Tenho a angústia de ser ‘obrigada’ a continuar trabalhando em um emprego onde não estou me sentindo feliz, mais ainda por saber que se sair daquele emprego, não vou conseguir outro emprego com facilidade.”;*
- *“Tenho dúvidas se estou seguindo o ‘caminho certo’ nesta profissão; se no futuro poderei ter uma situação sólida na minha profissão; se não será um caminho à margem da sociedade.”;*
- *“Hoje estava conversando sobre a atual sociedade (mundo) com uma amiga e disse a ela que o meu maior medo é morrer e deixar meu filho ‘à Deus dará’ ou simplesmente na situação de não dar uma educação suficiente para meu filho ser uma pessoa digna e de respeito.”;*
- *“O meu maior medo é que futuramente as máquinas venham substituir o ser humano no mercado de trabalho, deixando assim, o mundo cada vez mais pobre e sem esperança, e as angústias são as de não me encaixar no perfil que o mercado esteja procurando e de não superar as minhas próprias expectativas.”;*

- *“Sinto muita pressão no ambiente de trabalho, dívidas ao que pode acontecer com meu emprego, não sei se vale a pena passar por tanta coisa para correr atrás de um sonho que não sei se será realizado”;*
- *“Na realidade meu medo está relacionado a tudo, emprego, amigos, a vida, felicidade, tudo o que eu penso, eu tenho medo, porque pode ser que nada pode dar certo”;*
- *“Um dos meus medos é não conseguir ser um profissional que meus pais esperam. O outro é das violências que estão em toda a parte do nosso país. Também não quero decepcionar as pessoas que estão trabalhando comigo”;*
- *“No momento estou me sentindo um pouco perdida, estou desempregada, minha idade, minha pouca ou nada qualificação profissional. Estudar, estar na faculdade, isso me ajuda a me sentir viva, ter esperança...”;*
- *“Atualmente há muita necessidade de saber falar em público, mas eu sinto muita insegurança e medo.”;*
- *“Estou numa faixa etária de idade considerada ‘velho’² para o mercado de trabalho”.*

Algumas frases denotam claramente insegurança e conseqüentemente o medo. Outras à individualidade, e a maioria esboçam incertezas. O que também se pode apreender é que mesmo ainda não influenciados pela linguagem empresarial do docente, já crerem nas crenças que os impele a sempre ir para algum lugar que não definido, em nada definitivo em função da fluidez da modernidade líquida, mas que carregam o peso de culpas, sentimentos de medo, ansiedade e responsabilidade pura e única pelos acontecimentos.

Bauman (2001, p.14) diz que “os poderes que liquefazem passaram do “sistema” para a “sociedade”, da “política” para as “políticas da vida” – ou desceram do nível “macro” para o nível “micro” do convívio social”.

Pensar o ensino superior e seu cotidiano em sala de aula nos remete ao pensamento de imanência do ensino superior, ou seja, qual a finalidade inseparável, a natureza deste. Pode-se dizer que a influência dos modelos empresariais, acaba por supervalorizar as crenças empresariais. O imediatismo, a liquefação dos valores e o medo da instabilidade profissional também podem ser observados por certa recusa ou visão de ineficiência, em disciplinas que evocam reflexão, como é o caso da sociologia, da filosofia e da psicologia, sendo que nesta última, o maior enfoque reflete especificamente salvaguardar e manter a ordem e o retorno

² Cabe observação de que o aluno em referência tem apenas 27 anos.

produtivo. Frases como “não vejo interesse nisso”, “para que serve esta disciplina”, e até “que perda de tempo, onde vou usar isto”, são típicas da falta de reflexão sobre o ser em si, mais focadas no ser para si.

Indiscutível é a observação de docentes reafirmando esta “não necessidade” destes conhecimentos e reflexões, consagrando a dialógica empresarial no campo do ensino superior. Assim, a partir das relações cotidianas no ambiente educacional destes referidos cursos, através do histórico paradigma de ensino e não de aprendizagem, que tem como sujeito principal a figura do professor que transmite, comunica e orienta o conhecimento e as verdades neste mundo pós-moderno de incertezas e indecisões, pode-se pensar esta sustentação de crenças intrínsecas no mundo pós-moderno. Temos nas palavras de Andrade que,

(...) não se sugere, às pessoas envolvidas no cotidiano escolar, como elas devem ser, o que devem fazer, no que devem acreditar e pensar, mas trata-se de fazer aparecer de que modo até hoje os mecanismos sociais têm funcionado, como as formas de repressão e imposição têm atuado, e, assim, permitir que tais pessoas tenham a possibilidade de se determinar, de fazer, sabendo tudo isso, a escolha de sua existência. (ANDRADE, 2007, apud CAMARGO e MARIGUELA, 2007, p.104)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que é construído histórica e culturalmente não reflete apenas como nos vemos e aos outros e também nossas ações, como nos comportamos no dia-a-dia com relação a nós mesmos e aos outros. (CAMARGO e MARIGUELA, 2007)

A partir do fato de que nossos comportamentos podem ser representados pelas nossas falas, crenças empresariais contemporâneas disseminadas pelo modelo administrativo das empresas, fluem quase como que consagradas em alunos que estão no início de seus estudos em nível superior. Advém da comunicação mercadológica pós-moderna de origem genuinamente capitalista que molda não somente o perfil profissional, como tem grande influência na degradação humana. Além disso, as pessoas, tal como o titã Prometeu, necessitam metamorfosear-se constantemente face às insaciáveis necessidades do mercado de trabalho.

O ensino superior incorpora a reflexão na geração de conhecimento como base da educação humana, pois apenas informações não geram mudanças nas formas do pensar. No entanto o fascínio pela velocidade e rapidez dá margem à troca de conhecimento por informação, de reflexão por tecnicismo, de emancipação por dependência.

Percebe-se que independentemente da faixa etária, indivíduos são sensivelmente influenciados pelo lado “nocivo” de um capitalismo desenfreado e canibalizador, em que os próprios valores humanos curvam-se às necessidades maiores de consumo e sustentação do processo do capital. Por quais caminhos ainda o ser humano irá trilhar? Inovação constante, desejo e poder, em detrimento do ideal humano da vida?

Nas incursões no cotidiano escolar de um curso de nível superior em gestão de recursos humanos, percebe-se uma comunicação de massa mercadológica, modeladora, que adentra ao ambiente escolar com o próprio aluno, seja ele um trabalhador ou não, reforçam-se através de professores sem formação na área da educação, os quais replicam algumas falácias de mercado e que, por final, revelam-se típicas do mundo contemporâneo, pois grande parte delas são mutantes, outras se desvanecem com o tempo, algumas são pontuais, imediatistas. Isso gera certos “sintomas de uma modernidade líquida”, em virtude de, em grande parte, os alunos desconhecerem que não são os “causadores” destes sintomas, mas tão somente sofrerem os efeitos. No entanto, acredita-se que a emancipação, termo utilizado como significado de libertação ante a crenças absolutas propaladas no mundo contemporâneo possa ao menos ser trabalhada no cotidiano escolar de instituições de ensino superior.

A hegemonia do sistema capitalista propõe discursos no âmbito das relações do trabalho, nutrientes que desvelam o mundo contemporâneo por intermédio de crenças, em modelos únicos, universais e inevitáveis. Estes discursos ditam crenças, através de palavras, frase e afirmações, que são disseminadas publicamente e reforçadas pela mídia de massa, no entanto, de forma intensiva no âmbito educacional, no que se refere a cursos de gestão do nível superior. Uma linguagem multinacional que tem seus fundamentos embasados nos modelos e nas teorias administrativas.

A linguagem do modelo empresarial permeia os cursos de gestão no ensino superior, apesar do estudo ter-se focado num curso específico. Por intermédio de docentes e discentes, inserem no cotidiano escolar as mesmas expressões e, mais que isso, tendências, jargões, vocabulários e pensamentos calcados em crenças mercadológicas. Percebe-se uma estreita relação entre este linguajar direcionado ao comportamento do trabalhador e do estudante, com as próprias manifestações consumistas contemporâneas, em que estas crenças tornam-se fluidas para adequarem-se às necessidades momentâneas das próprias empresas.

Educação, principalmente no contexto atual, tem um viés reducionista na intenção subjacente de formar pessoas que apenas trabalhem e consumam. Conforme Saviani (1995, p.17 apud Duarte 1998, p.85), entende-se por trabalho educativo que,

“é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida historicamente e coletivamente pelo conjunto de homens. Assim, o objetivo da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.”

Com a propagação de cursos superiores de menor duração, focados em áreas específicas de gestão, os quais não contemplam o olhar histórico das atividades do ser humano e do entendimento social, a educação acaba fugindo daquilo que Duarte (1998) chama de “humanização do indivíduo”.

Um dos vestígios desta forma de discurso direcionado pelas crenças pós-modernas é perceptível nas palavras de Giddens (2007, p.16), em que “nunca seremos capazes de nos tornar os senhores de nossa própria história, mas podemos e devemos encontrar meios de tomar as rédeas do nosso mundo em descontrolo”, o que poderia identificar a afirmativa da incapacidade de um indivíduo participar da construção histórica, mas que, no entanto, é dada a este mesmo indivíduo a responsabilidade no domínio das situações neste mundo líquido.

Seria a educação algo real por vender conceitos ilusórios? Ou a redentora que possibilitará o retorno do humano como pilar central da vida, reforçando as características de reflexão e, por conseguinte, a emancipação do indivíduo neste mundo líquido.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. 4. ed. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra, 2006.

ANDRADE, Maria Celeste de Moura. O cotidiano escolar como espaço de produção. In: CAMARGO, Ana Maria Facciolli de; MARIGUELA, Márcio.(orgs.). **Cotidiano escolar – emergência e invenção**. Piracicaba, SP: Jacintha Editores, 2007.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5. ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 2005.

BARDIN, LAURENCE. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa, PT: Relógio d'Água, 1991.

BAUMAN, Zygmund. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor Ltda, 2001.

_____. **Sociedade do Consumo**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor Ltda, 2008.

_____. **Sociedade individualizada**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor Ltda, 2008.

BAUMGARTEN, Maíra. Pós-modernidade e sociologia: notas para debate. In: LAMPERT, Ernâni.(org). **Pós-modernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2005.

BOURDIE, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Trad. Reynaldo Bairão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CALLONI, Humberto. A educação e seus impasses: um olhar a partir da noção de pós-modernidade. In: LAMPERT, Ernâni.(org). **Pós-modernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2005.

CAMARGO, Ana Maria Facciolli de; MARIGUELA, Márcio.(orgs.). **Cotidiano escolar – emergência e invenção**. Piracicaba, SP: Jacintha Editores, 2007.

DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta: e outros textos**. ed. preparada por David Lapoujade. São Paulo, SP: Editora Iluminuras Ltda, 2008.

DUARTE, Newton. **Concepções afirmativas e negativas sobre o ato de ensinar**. Caderno CEDES v.19, n.44, Campinas, SP: 1998.Disponível em:<<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 26/09/08.

FRANCO, Maria Laura P. B. **Análise de conteúdo**. 3 ed. Brasília, DF: Liber Livro Editora, 2008.

- GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em retrospectiva, Vol. V: encontros filosóficos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora, 2003.
- GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2007.
- GINSBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2007.
- GOERGEN, Pedro. Educação Superior entre formação e performance. In: **Avaliação: revista da avaliação da educação superior**. Campinas; Sorocaba, SP: RAIES, 2008. Vol.13, n.03. p. 809-815.
- GOERGEN, Pedro et al. **Universidade e sociedade: perspectivas internacionais**. Sorocaba, SP: EDUNISO, 2008.
- LAMPERT, Ernâni.(org). **Pós-modernidade e conhecimento: educação, sociedade, ambiente e comportamento humano**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2005.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Barueri, SP: Manole, 2005.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2003.
- MATOS, Olgária C. F. **A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do iluminismo**. 2. ed. São Paulo, SP: Moderna, 2005.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.
- NEGRI, Antonio. **Exílio**. São Paulo, SP: Iluminuras, 2001.
- SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 5. ed. São Paulo, SP: Autores Associados, 1995.
- SENNETT, Richard. **O artífice**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2009.
- SOARES, Maria Lúcia de Amorim. **Girassóis ou Heliantos: maneiras criadoras para conhecer o geográfico**. Sorocaba, SP: PM – LINC, 2001.
- VANUCCHI, Aldo. **Filosofia aplicada**. Sorocaba, SP: 2007.

ANEXO A – TUDO PELO SOCIAL

você em equilíbrio

Paletó e cia.
Tome conta do seu nariz
Etiqueta
Tudo pelo social

ESPAÇO LIVRE



Renata Cambar Lima

Tudo pelo social

O trabalho estará cada vez mais ligado ao bem-estar das pessoas. Pelo menos é o que dizem os astros...

MAURÍCIO BERNIS (*)

As tendências do mercado de trabalho apontam para uma sociedade em que há espaço somente para quem se preocupa em se renovar constantemente. **As mudanças serão cada vez mais imperativas e vão correr em velocidade crescente, de tal forma que um profissional não consiga chegar a um ponto em que se considere totalmente formado.** Na base de tudo isso encontra-se uma nova ordem de valores, na qual o sentido de satisfação impera. As pessoas estão valorizando cada vez mais a qualidade de vida e a satisfação que encontram naquilo que fazem, seja profissionalmente, seja nas outras áreas da vida.

A astrologia, como saber milenar que associa os movimentos planetários às ocorrências da vida, nos mostra que o momento é de transformação.

Essa mudança começou com mais vigor na década de 60, quando houve alterações no quadro de valores da sociedade. A partir de então, várias ocorrências astrológicas (conjunções e concentrações planetárias, eclipses etc.) induziram a humanidade a repensar suas posturas. Em maio de 2000, por exemplo, houve uma conjunção de Júpiter com Saturno no signo de Touro. Esse fenômeno, que também aconteceu em 1980/1981 e se repetirá em 2020, indica o início de um ciclo marcado pela preocupação em obter resultados úteis e mensuráveis. Assim, o desenvolvimento da carreira ou a realização de um negócio serão pautados por sua real utilidade. Esse impulso também vai se manifestar no interior das pessoas, fazendo-as rever suas posições profissionais e práticas cotidianas. Existirá uma real preocupação em encontrar a vocação para construir uma vida profissional satisfatória e rentável. Em suma, as pessoas não querem mais fazer aquilo que as desagrada.

A partir de 2003, Urano ingressa no signo de Peixes e permanece nessa posição por mais sete anos. Isso vai reforçar a idéia de promover uma ligação harmoniosa entre o capital e o ser humano. Porém, mais do que pensar na função social dos recursos econômicos, o que vai se observar é que tudo o que agredir a natureza humana será gradativamente substituído pela tecnologia. Em razão do posicionamento planetário, as cooperativas de trabalho, em que as pessoas se reúnem para prestar serviços, vão estar favorecidas. Além disso, médicos, advogados, engenheiros e outros profissionais se verão obrigados a avaliar sua participação efetiva no bem-estar das pessoas. Vai haver também um aumento de cursos profissionalizantes ligados a áreas específicas, como gastronomia ou hotelaria e um número crescente de cursos de pós-graduação e MBAs.

De maneira geral, há uma equação a ser solucionada pelas pessoas que desejam se colocar com sucesso no mercado de trabalho, seja como funcionários, seja como prestadores de serviço: vocação + valores humanos + necessidades sociais = satisfação e reconhecimento. □

* Maurício Bernis é astrólogo e consultor de empresas nas áreas de estratégia, organização e marketing. Estuda astrologia desde 1977 e publicou vários livros sobre o assunto.

ANEXO B – CRESCIMENTO ESPIRITUAL PELO CAMINHO DA EMPRESA

dança. “As empresas que procuram harmonizar as relações de forma genuína, e não para ficar bem na foto, estão consolidando o modelo de gestão do futuro”, afirma Jair Moggi. Mas o movimento ainda está só começando. Alguns executivos torcem o nariz para o tema e acham que isso não passa de um modismo inconseqüente. Outros até defendem a espiritualidade no trabalho, mas falam muito mais do que fazem. “No dia-a-dia, a maioria das relações profissionais continua a ser pautada por paradigmas do passado”, diz Marcos Aranha.

Um dos maiores problemas, segundo Jair, é o fato de que alguns profissionais estão muito presos à visão materialista e não conseguem trabalhar com a pergunta: “Por que não?”. Outro ponto que provoca resistência é o fato de que muita gente considera a espiritualidade um sinônimo da religiosidade. “Isso assusta muitos executivos, que logo pensam em altares e velas em plena empresa”, diz Floriano Serra, diretor de RH e qualidade de vida da Apsen Farmacêutica e autor do livro *A Terceira Inteligência* (Editora Butterfly). É bom deixar claro, portanto, que no universo corporativo esses conceitos não se confundem. A religiosidade pode até ser um caminho para a espiritualidade. Mas não obrigatoriamente. Aliás, obrigação é algo que não combina com espiritualidade. Nessa área, não existem fórmulas que valem para todos os funcionários e empresas. Muito menos



Sônia Cruz, gerente de clientes corporativos da Telefônica: “Meu papel é fazer com que a equipe encontre significado no que faz”

regras a serem obedecidas cegamente. “Se você trata a espiritualidade como uma imposição, qualquer movimento nesse sentido tem pouquíssimas chances de dar certo”, afirma Sergio Chaia. □

* COM REPORTAGEM DE LÍLIAN CUNHA

Acesse o site www.vocesa.com.br e confira uma entrevista exclusiva com o economista chileno Manfred Max-Neef sobre a liderança espiritualizada



POR QUE OS PROFISSIONAIS ESTÃO EM CRISE

Apesar de os conceitos espirituais nas organizações já serem discutidos há vários anos, só agora eles estão realmente ganhando força. O motivo é simples: os profissionais chegaram a uma situação-limite e simplesmente não estão agüentando mais. “Há uma forte demanda por outra relação com o trabalho. As pessoas não querem mais se sentir desumanizadas e pagar o preço de perder sua identidade, de perder o encanto da vida”, diz o filósofo Mário Sergio Cortella.

Esse movimento que está explodindo agora é o reflexo de um longo processo de quebra de vínculos, como explica o consultor Jair Moggi, da

Adigo. A humanidade rompeu a relação com a terra, que, em vez de ser venerada como era antigamente, passou a ser destruída. O homem também quebrou os laços de sangue, desvalorizando a ligação com a família. Desfez-se de normas e tradições que garantiam sua estabilidade. E desligou-se de Deus, como mostra a grande crise por que passam as religiões. Como consequência de todo esse processo, veio uma angústia profunda e um expressivo questionamento existencial, que agora resulta numa tentativa de resgate desses vínculos — de uma forma mais consciente e particular, por meio da espiritualidade.

Nesse contexto, a empresa tem um papel decisivo. “Qual a única entidade que pode destruir ou consertar o mundo hoje?”, pergunta Jair. “Não é mais a Igreja, um líder carismático ou um partido político. É a organização.” Segundo ele, o universo corporativo é o principal pólo de aprendizagem dos nossos tempos e, por mais que se esforcem, as universidades estão sempre um passo atrás em relação à realidade corporativa. “As organizações são grandes palcos cármicos, onde as pessoas se encontram para aprender umas com as outras. O melhor case que você pode estudar está acontecendo ao seu lado”, afirma o consultor.

ANEXO C – XÔ, TRISTEZA

you em equilíbrio

Capa - Depressão pós-férias
 Capa - Xô, tristeza
 Capa - Poupa tempo
 Capa - Engula isto
 Capa - Etiqueta
 Capa - A matemática do equilíbrio

XÔ, TRISTEZA!

Pesquisa mostra que funcionário feliz trabalha melhor. É por isso que as empresas estão gastando dinheiro com o bem-estar de seu pessoal

POR ELISA MACHADO

Funcionário triste traz prejuízo para a empresa. O que se observa na prática, os pesquisadores americanos John W. James e Russel Friedman comprovaram na teoria. O primeiro fundou e o segundo é o diretor executivo do Grief Recovery Institute, fundação educacional sem fins lucrativos que traz no nome a razão de sua existência: em português, *grief recovery* é algo como recuperação da tristeza. O objetivo da instituição é ajudar as pessoas a lidar com perdas no plano pessoal. Desde a fundação do instituto, há 25 anos, James e Friedman entrevistaram 25 000 pessoas para medir quanto as empresas americanas deixam de ganhar por ano por causa dos problemas pessoais de seus funcionários. A conclusão? A

ANEXO D – DESTAQUE-SE NO TRABALHO

||| COMPORTAMENTO |||

DESTAQUE-SE NO TRABALHO

Dê duro e compartilhe o que você sabe, que o sucesso é consequência. Essa é a base de um novo tipo de competição* POR MÁRCIA ROCHA

Ponto pacífico: o gosto pela disputa faz parte da natureza humana. Também não dá para discutir que as empresas são ambientes competitivos. O problema não está na competição em si — já que funcionários competitivos certamente contribuem para o sucesso dos negócios —, mas na falta de confiança entre as pessoas, um dos efeitos colaterais da disputa interna que acontece nas empresas. É fato: está todo mundo escondendo o jogo. Provavelmente, até você mesmo anda fazendo isso. Afinal, qual é a vantagem de compartilhar seu conhecimento com o profissional da mesa ao lado se você sabe que é justamente isso o que o diferencia dele? Por que entregar o ouro de bandeja para o seu colega? O pano de fundo dessa história é que, na teoria, as empresas valorizam o trabalho em equipe, mas acabam privilegiando a *performance* individual na hora de dar um aumento ou promover alguém. E

isso acaba comprometendo não só o relacionamento da equipe, atrapalhando amizades que possam ter surgido no escritório, mas também o bom andamento do trabalho. Imagine o que pode acontecer com uma equipe em que ninguém confia em ninguém e todos vivem sonegando informações? Que tipo de negócio vai para frente se o conhecimento não circula e fica preso na cabeça das pessoas?

Até mesmo nas melhores empresas para trabalhar no país, organizações que adotam o que há de mais moderno em gestão de pessoas, a relação de confiança entre os funcionários está passando por um momento delicado. A tabulação dos questionários das 150 classificadas no *Guia VOCÊ S/A-EXAME – As Melhores Empresas para Você Trabalhar* de 2006 não deixa dúvidas: 43% (22 000 entre 51 582 respondentes) assinalaram a alternativa “concordo parcialmente” quando questionados se “nesta empresa a gente pode con-

ANEXO E – SIMPLES MORTAIS: DEIXEM DE SER SIMPLES

F/ANZOLAS



Simples mortais: deixem de ser simples.

www.vocesa.com.br

você s.a.
 Para quem tem ambição.

Você é uma ESTRELA no trabalho?

Para se destacar num mercado competitivo você não precisa só ser bom, você precisa ser ótimo. E para chegar lá, você precisa estar muito bem assessorado. VOCÊ s.a. é a primeira revista brasileira dedicada aos interesses pessoais de executivos, profissionais liberais, autônomos e empreendedores. VOCÊ s.a. trata de planejamento e desenvolvimento de carreira, relações no ambiente de trabalho, desempenho individual, melhores práticas, remuneração, benefícios, treinamentos e cursos. Enfim, tudo o que faz parte do dia-a-dia das pessoas que movem o país. VOCÊ s.a. é a revista mensal para quem quer gerir com excelência sua vida e sua carreira.

ANEXO F – CARREIRA, AGORA É COM VOCÊ!



A QUEDA DO MURO DE BERLIM VINTE ANOS DEPOIS
A derrocada do comunismo abriu caminho para a maior expansão do progresso social e material da história

Editora ABRIL
edição 2138 - ano 42 - nº 45
11 de novembro de 2009

www.veja.com

ESPECIAL
29 PÁGINAS

CARREIRA AGORA É COM VOCÊ!

O BRASIL DECOLOU E AS OPORTUNIDADES ESTÃO AÍ

Teste: descubra sua vocação	Empreendedores explicam a realidade da vida sem chefe	Medicina, engenharia e direito, o que há de atraente e novo nas carreiras tradicionais
-----------------------------------	---	--

AS PROFISSÕES MAIS BEM PAGAS

ANEXO G – SEJA O TALENTO QUE O MERCADO PROCURA

carreira  ESPECIAL TALENTO



Seja o talento que o mercado procura

Presidentes e especialistas em carreira contam quais competências vão fazer de você um profissional indispensável → GABRIEL PENNA

Quer ser reconhecido no mercado como um talento? Anote aí: reúna em sua lista de competências a capacidade de liderar e desenvolver pessoas, a criatividade para inovar, a flexibilidade para se adaptar a mudanças e o espírito colaborativo. Para 1150 CEOs de todo o mundo, ouvidos no início deste ano pela consultoria americana PricewaterhouseCoopers, são essas as principais habilidades que formam um executivo talentoso. Se você conseguir dominá-las, pode se considerar indispensável. O mercado lutará pelo seu passe e seu futuro profissional estará assegurado. “Há três anos, faltava emprego. Hoje, o cenário se inverteu: os salários aumentaram, há vagas e a disputa por profissionais de alto nível é intensa”, diz Pedro Mandelli, consultor em gestão de pessoas de grandes empresas, como Visa Vale e Schincariol. 

ANEXO H – IMPULSIONADO PELA EMPRESA A PARTICIPAR DE UM PROGRAMA PARA REDUÇÃO DE PESO

“...não tinha disposição para nada...”

MAIS SAÚDE, MAIS DINHEIRO

Até março de 2002, o mineiro **Anselmo Sanches**, de 46 anos, tinha, como ele mesmo brinca, peso demais para altura de menos. Eram 97 quilos distribuídos em 1,72 metro. A falta de disposição era uma constante na vida do diretor de operações da ACS, empresa de call center do grupo mineiro Algar. Mesmo assim, ele não se sentia motivado para mudar. O empurrão veio da empresa: a ACS criou uma variação específica para a área de saúde de seu programa de desenvolvimento executivo — o Processo de Desenvolvimento Individualizado (PDI). No PDI da saúde, Sanches passou por uma avaliação médica e nutricional. No final, recebeu uma meta relacionada à dieta e aos exercícios físicos, um acordo entre ele e o médico. Tudo para ser feito em um período predeterminado, que, em geral, é de um ano. Se atingir os objetivos, dentro do prazo, Sanches ganhará um bônus equivalente a 20% de três meses de salário. Isso se ele conseguir perder 19 quilos. Até o fechamento desta reportagem, 11 já tinham ido embora. No mês que vem, quando termina o prazo, Sanches acredita que terá atingido sua meta.

“...já emagreci 11 quilos...”

“...vou perder os 8 que faltam...”

ANEXO I – PARA OS MELHORES, TUDO!

ESPECIAL AMAZÔNIA | **SÓ A EXPLORAÇÃO ECONÔMICA PODE SALVAR A REGIÃO DA RUÍNA**

www.exame.com.br

EXAME

EDIÇÃO 851 ANO 39 - Nº 18 - 14/SETEMBRO/2005 R\$ 8,90



Abril

Luiz Gemignani, presidente da Promon (à frente), a melhor empresa para trabalhar no Brasil, com seu time

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

PARA OS MELHORES, TUDO

Identificar e recompensar à altura os profissionais mais preparados. A meritocracia explica os lucros elevados das dez melhores empresas para trabalhar no Brasil

**ANEXO J – DAQUI A ALGUNS ANOS, O MUNDO VAI SER DIVIDIDO ENTRE
OS BEM-SUCEDIDOS E OS QUE NÃO LERAM.**

**DAQUI A ALGUNS ANOS,
O MUNDO VAI SER
DIVIDIDO ENTRE
OS BEM-SUCEDIDOS
E OS QUE NÃO LERAM.**

- 7 fascículos GRÁTIS
encartados
na Revista EXAME.
- Capa dura gratuita
no 2º fascículo.
- Guia para o seu sucesso
profissional no futuro.
- Leia e coleione.

Mais uma iniciativa da Revista EXAME para deixar você mais bem informado.

COMPAQ

intel

Lucent Technologies
All Life Innovations 

ANEXO K – DIMINUIR A TORMENTA DO COTIDIANO PARA NÃO SER TRAGADA PELO TRABALHO

re o risco de perder talentos para os concorrentes ou — se conseguir segurar os funcionários na casa — ver os resultados despencarem. “As empresas vencedoras sabem que a inovação e a ambição vêm do coração. Se você não trabalha com o coração, não é competitivo como deveria ser. E o mercado já não tem espaço para isso”, diz Sergio.

A HORA DA VIRADA

Hoje essa percepção faz parte do dia-a-dia de Sergio. Mas houve um tempo em que não era bem assim. Há alguns anos, ele foi chamado à sala do então vice-presidente de recursos humanos da Sodexo Pass para a América do Sul, Plínio Romito Júnior, e ouviu o seguinte: “Você é brilhante, mas tenta canalizar o reconhecimento para você mesmo. E isso é um problema. Porque o seu brilho nada mais é do que a soma do trabalho de sua equipe”. Em princípio, Sergio resistiu à crítica. Depois ficou com raiva de si mesmo por não ter percebido logo isso. E, em seguida, começou a repensar toda sua forma de trabalhar. Hoje, ele não tem dúvidas de quem é o centro das atenções nessa história: o seu time. Tanto que não gosta de falar em primeira pessoa sobre qualquer aspecto relacionado ao trabalho. “Tudo é feito em conjunto. Eu dependo das pessoas mais do que elas dependem de mim. É um fato. Então, nada mais lógico que eu tenha de servi-las, para que tenham condições de fazer bem o seu trabalho”, afirma.

Esse modo de ver a vida profissional também faz parte do conceito de espiritualidade que guia o paulista Marcos Cominato, de 46 anos, diretor de recursos humanos da filial brasileira da Nokia, fabricante de celulares finlandesa. “Espiritualidade é a consciência de que não viemos ao mundo para nos auto-satisfazer, mas para nos colocarmos a serviço das outras pessoas. E isso não significa um ato isolado. É uma postura para as 24 horas do dia”, afirma o executivo. Segundo ele, essa atitude vem como consequência da harmonia entre

AS PESSOAS BUSCAM ALGO QUE DIMINUA A TORMENTA DO COTIDIANO E AS IMPEÇA DE SEREM TRAGADAS PELO TRABALHO

as quatro dimensões que formam o ser humano: racional, social, emocional e espiritual. “Um profissional realizado, de alta performance, só consegue chegar a esse patamar se tiver os quatro aspectos em equilíbrio”, diz Marcos. Antes de tentar colocar isso em prática, no entanto, é preciso entender o que significam cada uma dessas dimensões. Quem explica é a psicóloga Bene Catanante, sócia-diretora da consultoria Com Ciência Recursos

EM VEZ DE FALAR, FAÇA

Se o crescimento espiritual se reflete em produtividade, cabe ao líder promover esse desenvolvimento. Mas como é que isso funciona na prática? Pedimos a Sergio Chaia, diretor-geral da Sodexo Pass, para contar um pouco da experiência de sua equipe nessa área. O trabalho parte do princípio que o crescimento espiritual representa uma maior consciência do papel do colaborador não só na empresa, mas em todas as esferas da sua vida. Para estimular essa consciência, a Sodexo Pass promove atividades que conduzem a uma reflexão sobre os objetivos e os valores dos profissionais.

- ✦ Semanalmente, são realizadas sessões de ioga e meditação, que estimulam o autoconhecimento.
- ✦ A empresa também incentiva o desenvolvimento espiritual por meio da responsabilidade social. Com isso, o funcionário:
 - ajuda o outro a se desenvolver;
 - reforça a consciência de que faz parte do todo e pratica a lei da reciprocidade (que diz que suas ações acabam voltando para você);
 - minimiza seus próprios problemas e adota uma postura mais positiva.
- ✦ Os objetivos e resultados de cada área são trabalhados com transparência. Isso fortalece a sensação de

pertencimento. “As pessoas sentiam falta de saber para onde a empresa estava indo”, diz Sergio.

- ✦ Os profissionais têm autonomia (e assumem essa responsabilidade). A Sodexo Pass acredita que as pessoas fazem mais e melhor quando sentem que contribuíram com seu esforço.
- ✦ Cada conquista é celebrada, partindo-se do princípio de que o que move o homem é o reconhecimento.
- ✦ Em vez de falar, os líderes fazem. Dessa forma, levam o funcionário a refletir sobre essas ações, encontrando suas próprias respostas.
- ✦ O respeito à diversidade é a base detodo o relacionamento profissional.

ANEXO L – TALENTO: SEJA O ESCOLHIDO PELO MERCADO

SEJA SEU MELHOR INVESTIMENTO WWW.VOCESA.COM.BR

vocêSia

Abriu **10 anos** vocêSia

ISSN 34355206 00120-2
0771415-520001
R\$ 9,95 • EDIÇÃO 120 • JUNHO 2008

REPORTAGEM ESPECIAL

- 15 presidentes** revelam as competências de quem é indispensável
- 3 headhunters** contam quem está na mira das melhores empresas do mundo
- 3 700 gestores** é o que a Vale precisa contratar para ser líder global
- Solidez nos resultados** é o que vai garantir sua promoção
- Teste:** avalie sua inteligência corporativa

Sou o responsável pelas últimas aquisições da empresa. Sei do meu valor e sou reconhecido por isso

GUSTAVO CHICARINO,
38 anos, diretor de estratégia da Ticket

Talento
Seja o escolhido pelo mercado

INVESTIMENTO VERDE Os melhores fundos e ações para ganhar dinheiro e salvar o planeta | **EMPREGABILIDADE** Crie um plano B e mantenha o rumo da sua carreira